

A gestão compartilhada em bibliotecas comunitárias da rede LiteraSampa

Francisco Amaral Baraglia¹

¹ Francisco Amaral Baraglia é bacharel e licenciado em Letras - português/italiano pela Universidade de São Paulo e é bacharel em Biblioteconomia e Ciência da Informação pela Sociologia e Política - Escola de Humanidades.

A gestão compartilhada em bibliotecas comunitárias da rede LiteraSampa

Francisco Amaral Baraglia

RESUMO

Este trabalho busca investigar como as bibliotecas comunitárias da rede LiteraSampa na cidade de São Paulo gerem seus processos, como são estas bibliotecas e sua relação com a comunidade; a partir do pensamento de Paulo Freire sobre educação e liberdade, explora, através da leitura de documentos produzidos por essas bibliotecas, de entrevistas com seus interagentes e equipes e da análise de seu conteúdo, se as bibliotecas comunitárias de São Paulo da rede LiteraSampa podem ser encaradas como modelos de equipamentos culturais caracterizados por gestão democrática, bem como ela incide em suas ações para a promoção do livro e da leitura. Através da análise de conteúdo de materiais produzidos pelas bibliotecas como de entrevistas e suas redes sociais, conclui-se que o acolhimento, a escuta e a horizontalidade dos processos contribuem para o estreitamento de laços e o enraizamento comunitário, em contraposição ao paradigma competitivo e individualista do modelo neoliberal.

Palavras-chave: bibliotecas comunitárias; gestão participativa; gestão compartilhada; democracia; biblioteconomia social.

1 INTRODUÇÃO

Desde a eleição, em 2018, do atual presidente Jair Messias Bolsonaro, assistimos a um discurso institucional que aponta para a implementação progressiva de planos que visam ao desmonte da máquina pública, especialmente no que tange à assistência social: na reforma da Previdência, nos ataques proferidos pelos ministros da educação Vélz e Weintraub às universidades federais – este último acusando as universidades de terem “extensas plantações de maconha em seus campi”², no contingenciamento das verbas destinadas à educação e cultura e na própria extinção do Ministério da Cultura pelo governo.

Nesse contexto em que o Estado se faz tão ausente e, até mesmo, hostil àqueles que estão à periferia, podemos olhar para eles com a intenção de investigar as maneiras através das quais as pessoas têm buscado organizar-se. O estudo de Fernandez (2018), especialmente, aponta para a importância das *bibliotecas comunitárias* para a formação de leitores no Brasil. Uma mediadora do grupo focal 2 da pesquisa de Fernandes, Machado e Rosa, define assim a biblioteca comunitária:

Ter uma biblioteca comunitária na nossa comunidade [...] significa civilidade. Significa assegurar o direito que nós temos, que nós, enquanto rede leitora em qualquer lugar do Brasil temos, [de] garantir a leitura enquanto direito humano. E, se é direito humano, significa que todos precisam ter acesso. Então a partir do momento que implantamos essas bibliotecas comunitárias, dentro das nossas comunidades, nós estamos com esse objetivo, de fazer com que esse livro, que essa leitura possa chegar até as pessoas. [...] Desde a criança até o idoso. (FERNANDEZ, MACHADO e ROSA, 2018, p. 104).

Freire (2019), como Cândido (2017), apontam para a capacidade libertadora e revolucionária da educação e da leitura, capaz de modificar as pessoas através de processos dialógicos e interpretativos da realidade. Nas bibliotecas comunitárias, portanto, estão postas as condições mais favoráveis para que, no seio da opressão e da violência, germinem as condições para o nascimento de um sentimento de pertencimento a um grupo e a um território, bem como para a organização e o

² Plantações de maconha e laboratório de metanfetamina nas universidades federais. [S. l.: s. n.], 21 nov. 2019. Publicado pelo canal Jornal da Cidade Online. 1 vídeo (1:40 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Ah95ofO149g&feature=emb_title. Acesso em: 24/11/2019.

planejamento de um projeto que esteja visando o bem comum: porque diferentemente das bibliotecas públicas, que partem da iniciativa do Estado para surgirem, as bibliotecas comunitárias acontecem a partir da ausência deste, são fruto da organização de coletivos para alcançar um bem maior, a construção de uma riqueza que é, justamente, capital humano. Se as bibliotecas públicas atuam como sujeitos aparentemente passivos, as bibliotecas comunitárias são os sujeitos que se mostram ativos da ação (PRADO; MACHADO, 2008, p.5). Segundo os autores, a biblioteca comunitária amplia o conceito de lugar de memória postulado por Pierre Nora (1993).

Surgindo em comunidades a da ação de sujeitos ou coletivos, as bibliotecas comunitárias, na ausência do Estado, também podem apresentar características próprias em seus aspectos administrativos, nas práticas de planejamento e de gestão; sem funcionar como meros depósitos de material literário, mas atuando através da *práxis*, ou seja, de práticas, para modificar a realidade de seus frequentadores.

Conforme Gandin (2001), o modelo de planejamento participativo aparece como uma corrente no seio das teorias de administração ao lado de outras como o Planejamento Estratégico e Gerenciamento da Qualidade Total, direcionada àquelas instituições que não visam, diferentemente de empresas, ao lucro, mas à construção do bem comum, de riquezas que são outras além da acumulação de capital. A noção de “participativo”, aqui, vai além da mera noção de co-laboração, de pedir a opinião das pessoas em relação ao desenvolvimento dos processos:

O Planejamento Participativo tem uma visão própria de participação. Ele nasce a partir da análise situacional que vê uma sociedade organizada de forma injusta, injustiça esta que se caracteriza pela falta de participação. Neste contexto, participação não é simplesmente aquela presença, aquele compromisso de fazer alguma coisa, aquela colaboração, aquele vestir a camisa da empresa nem, mesmo, a possibilidade de decidir alguns pontos esparsos e de menor importância; participação é aquela possibilidade de todos usufruírem dos bens, os naturais e os produzidos pela ação humana (GANDIN, 2001, p.88).

Freire (2019) indica, também, que a manipulação pode advir dos discursos: defende que o antídoto para ela é a organização criticamente consciente; para ele, a manipulação é a base da ação antidialógica, que tem um efeito anestésico sobre o pensamento das massas. Para o movimento de radical transformação da realidade e emancipação da opressão através do conhecimento, é fundamental que os sujeitos se tornem protagonistas do fazer cultural, tornando-se protagonistas da cultura e não seus objetos ou receptáculos da cultura das classes dominantes. É nesse sentido que a gestão compartilhada nas bibliotecas comunitárias é parte estruturante da ação cultural que elas representam.

Freire (2019), afirma que os homens são seres da práxis, do fazer, e nisso diferenciam-se dos animais: a práxis é fazer e reflexão, transformação do mundo. A transformação das estruturas não pode ter, nas lideranças, homens do *quefazer*, termo que ele usa para definir a reflexão, e, nas massas oprimidas, homens reduzidos ao puro *fazer*.

Machado e Vergueiro (2010) apontam que a participação deve ser entendida, na gestão dessas instituições, como processo, como um fim em si mesma e não como meio para se atingir um objetivo; entendida como meio, a participação pode facilmente degenerar em manipulação, num simulacro de participação, como também aponta Gandin (2001). Desse modo, entendemos que a biblioteca comunitária pode ser um espaço em que as pessoas interagem umas com as outras como num laboratório de democracia, constituindo um ciclo em que pensar e fazer alternam-se para transformar ao mundo e a si mesmas. A pesquisa de Fernandez, Machado e Rosa (2018) aponta que as bibliotecas que têm em seus objetivos a formação de leitores e acompanham mudanças de comportamento em seus leitores e interagentes, como qualificam as pessoas que fazem parte de sua estrutura, são as que funcionam em espaços mais estruturados, organizam melhor seus acervos e promovem ações de leitura com mais regularidade, permanecendo mais tempo em funcionamento; essa pesquisa documentou práticas de leitura e ação cultural em contextos marcados pela marginalização e exclusão social, promovidas por bibliotecas comunitárias, equipamento desejado e conquistado por essa população situada em zonas rurais e periferias das grandes cidades que se organizam para

criar condições de acesso ao livro e à leitura: elas são formas de resistência à marginalização que continua mesmo em nosso atual contexto de avanço das novas tecnologias. A pesquisa de Fernandez, Machado e Rosa (2018) evidencia como este é um tema “que continua relevante no campo da pesquisa social e extensão universitária” (p. 146). Assim, tendo estabelecido que as bibliotecas comunitárias são espaços de memória e resistência, funcionando, com a gestão compartilhada, como espaços de formação democrática, nos propomos o seguinte problema: como esse modelo de gestão incide positivamente na formação de leitores? Levantamos a hipótese de que o processo da gestão compartilhada, trazendo a comunidade para o equipamento cultural e incluindo-a nos processos de gestão pode ser uma abordagem mais adequada para incidir mais efetivamente na comunidade em questão, na elaboração de políticas públicas para o livro e a leitura e na formação de leitores.

Trata-se de pesquisa exploratória, com a utilização de entrevistas com interagentes para saber de experiências e levantamento de literatura em bases de dados, como Google Acadêmico, portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Base de dados em Ciência da Informação (Brapci), mas também da Fundação Getúlio Vargas, por exemplo, a partir de termos como “bibliotecas comunitárias”, “gestão participativa”, “gestão colaborativa”, “ação cultural”, “mediação de leitura”, “gestão compartilhada” e palavras-chave utilizadas no resumo incluído acima e nas páginas iniciais deste trabalho, além da busca por referências bibliográficas identificadas como relevantes encontradas ao final de cada artigo e/ou obra escolhida para análise. Observação das redes sociais das bibliotecas da rede e de outras bibliotecas comunitárias.

Para pesquisas sobre comunidades, como apontam Machado e Vergueiro (2010), entra-se em contexto de grande complexidade e inúmeras variáveis, no campo da subjetividade: a abordagem que se apresenta mais adequada é a qualitativa por meio de entrevistas abertas, pesquisa bibliográfica e análise documental. Duarte (2004) esclarece que:

Entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os

conflitos e contradições não estejam claramente explicitados. Nesse caso, se forem bem realizadas, elas permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo (DUARTE, 2004, p. 215)

A coleta de dados realizada através de entrevista com integrantes da rede LiteraSampa é sistematizada segundo as categorias: classificação do acervo, catalogação, desenvolvimento de acervo e permanência. Assim, buscou-se compreender o modelo de gestão compartilhada em bibliotecas comunitárias da rede LiteraSampa, bem como seus impactos na formação de leitores, identificando processos e características subjetivas desse tipo de gestão nessas bibliotecas.

2 DESENVOLVIMENTO

As bibliotecas comunitárias não são um fenômeno recente no país. Existem algumas, segundo a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC) que têm mais de 40 anos³. Como dissemos anteriormente, elas aparecem para sanar uma demanda que o Estado não cumpre, a da universalização do acesso ao livro e à leitura e à educação. Nesses espaços, que têm acervos majoritariamente formados por títulos literários, desenrolam-se atividades e ações para a formação de leitores, laboratórios de escrita, rodas de conversa e de escuta, bate-papo com escritores e sorteios de livros. Durante a pandemia que ainda está em curso, com os espaços fechados, as atividades não pararam: a biblioteca comunitária Espaço Jovem Alexandre Araújo Chaves (EJAAC), por exemplo, além de continuar suas atividades de fomento à leitura, realizou ação onde foram distribuídas cestas básicas, itens de higiene e máscaras para a população que, nesse momento de grandes incertezas,

³ “Duas das mais antigas bibliotecas comunitárias do país estão na RNBC, ambas com mais de 40 anos. A **Biblioteca Comunitária Prof. Arlindo Correa da Silva**, da rede Sou de Minas, Uai!, foi fundada em 1974 em Betim, região metropolitana de Belo Horizonte. O **Espaço Cultural Nossa Biblioteca – ECNB** está no Guamá, bairro de Belém do Pará, desde 1978 e integra a Amazônia Literária.” (**Bibliotecas Quarentonas**. RNBC [s. l. : s. d.] Disponível em: <https://rnbc.org.br/curiosidade/biblioteca-mais-antiga> Acesso em: 08 nov. 2021)

se achou em situação de grave vulnerabilidade, como relatado pela bibliotecária Júlia Santos em vídeo no Youtube para esta Casa.⁴

Atuando com o direito humano à literatura, as BCs passam a tratar diretamente com o primeiro dos direitos humanos, o direito à vida e à manutenção da sua dignidade, o que inclui acesso a itens de higiene pessoal e, durante a pandemia, máscaras e alimentos. Fernandez, Machado e Rosa (2018) apontam como são poucas as produções acadêmicas sobre o tema das bibliotecas comunitárias, mas que vêm aumentando nos últimos anos, assim como para a importância de investimentos sociais corporativos para essas bibliotecas; destacam, inclusive, a centralidade do **Programa Prazer em Ler**, desenvolvido pelo Instituto C&A de 2006 a 2018 e agora continuado pelo Instituto Itaú Social para a sustentabilidade de algumas dessas iniciativas, além de outros programas, ressaltando, entretanto, que as noções sobre o que é, efetivamente, uma biblioteca comunitária não é idêntica para todos, o que dificulta unificar informações e evidências sobre a incidência do investimento em bibliotecas na inclusão cultural dos grupos por elas atendidos.

Machado (2008), apresenta uma definição de biblioteca comunitária: ela vê que as bibliotecas comunitárias

surgem como práticas espontâneas, idealizadas por agentes individuais ou coletivos; cidadãos comuns, com ou sem instrução formal, com ou sem apoio institucional. Surgem normalmente em lugares periféricos, em função da dificuldade de acesso aos bens culturais, ou da total ausência do Estado. Esses novos espaços de leitura e informação, em sua maioria, são criados por pessoas que não estão vinculadas à área de Biblioteconomia e Ciência da Informação e objetiva uma reunião de livros que possibilite, principalmente às crianças e aos jovens, o acesso ao livro e à literatura. (MACHADO, 2008, p. 49-50)

Ela compreende que essas bibliotecas desempenham um papel verdadeiramente público. São, elas mesmas, a ação cultural, como também aponta Flusser (1980), em espírito freireano, no sentido que dão a palavra àqueles que a

⁴ **O papel das bibliotecas comunitárias diante da Covid-19.** São Paulo: Biblio em Ação, 3. ed., 2020. Publicado pelo canal da FESPSP. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u3t2SHu7jFk>. Acesso em: 08 nov. 2021.

fazem e frequentam: são lugares de **dessilenciamento** ao dar voz a comunidades à margem, ao “terceiro mundo do terceiro”, nas palavras de Paulo Freire por ele citadas, muito além de silencioso repositório de livros fechados.

O profissional da biblioteconomia, na biblioteca comunitária, atua como um coadjuvante, orientando “no manuseio de livros e outras formas de cultura literária”; é uma função importante, mas não o bastante para criar uma biblioteca-ação cultural, ou uma biblioteca verdadeiramente pública. As protagonistas devem ser as pessoas. “Ser bibliotecário em uma biblioteca verdadeiramente pública é desenvolver de maneira política a sua profissão” (FLUSSER, 1980, p. 137).

A RNBC compreende redes de bibliotecas comunitárias espalhadas por todo o país: de acordo com o seu *site* oficial, são 11 redes locais e 135 bibliotecas comunitárias espalhadas por diferentes estados brasileiros: Pará, Maranhão, Ceará, Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. São elas:

- Amazônia Literária, Pará;
- Beabah!, Rio Grande do Sul;
- Ilha Literária, Maranhão;
- Jangada Literária, Ceará;
- LiteraSampa, São Paulo;
- Mar de Leitores, Rio de Janeiro;
- Rede de Bibliotecas Comunitárias de Salvador (RBCS), Bahia;
- Rede Baixada Literária, Rio de Janeiro;
- Releitura, Pernambuco;
- Sou de Minas, Uai!, Minas Gerais;
- Tecendo uma rede de leitura, Rio de Janeiro

A rede LiteraSampa, de acordo com o site da RNBC:

surgiu em 2010, quando 7 organizações sociais dos municípios de São Paulo, Mauá e Guarulhos se juntaram com o objetivo de promover a leitura literária. Ao longo desse período a rede cresceu, agregou bibliotecas escolares, uma biblioteca pública e outras

bibliotecas comunitárias, tecendo uma rede de leitura e levando seus fios para outros pontos desta grande cidade que é São Paulo.

A LiteraSampa atende diversos públicos nas comunidades onde estão inseridas suas bibliotecas: crianças, jovens, adultos, idosos, sem distinção de idade, com a convicção de que a leitura literária é ferramenta fundamental para o desenvolvimento da criticidade e do prazer pela leitura. A rede atua ainda na formação dos mediadores de leitura, jovens e adultos, que podem desempenhar também o papel de gestores das bibliotecas.

As organizações que compõe a rede desenvolvem atividades socioeducativas e culturais, incluindo em seu planejamento político-pedagógico as ações de incentivo à leitura literária. A partir da gestão compartilhada entre as diversas organizações, as ações de promoção da leitura fortalecem, qualificam e disseminam as práticas desenvolvidas pela rede, contribuindo para a construção de políticas públicas de difusão do livro e da leitura, bem como para a incidência sobre essas políticas.

O esforço coletivo na busca por novas parcerias leva ao desenvolvimento de estratégias de sustentabilidade política, financeira e técnica das ações da rede, bem como das ações implementadas por cada instituição que a compõe.

As organizações têm muito em comum: mantêm projetos de formação de leitores (oficinas de mediação de leitura, bate-papo com autores, concursos literários, saraus, seminários, etc.), articulam os parceiros locais e, principalmente, acreditam que a leitura literária pode transformar vidas – que a leitura é um direito e um valor cultural inestimável rumo à cidadania plena. (RNBC. A rede LiteraSampa. [s. l.], c2020. Disponível em: <https://rnbc.org.br/redes/literasampa-sp/>. Acesso em: 09 nov. 2021).

Fazem parte da rede as bibliotecas a seguir, com o município de sua localização:

- **CPCD Parelheiros saudável, territórios abraçados**, São Paulo;
- **Casinha das histórias**, São Paulo;
- **Caio Fernando Abreu**, Casa 1, São Paulo;
- **Ubuntu**, São Paulo;
- **Luiza Erundina, Bloquinho do brincar**, São Paulo;
- **BC dos Eucaliptos** (Rede Beija Flor), Santo André;
- **Caminhos da Leitura** (Rede Beija Flor), São Paulo;
- **Cultura no Quintal**, São Paulo;
- **Espaço Jovem Alexandre Araújo Chaves (EJAAC)**, São Paulo;

- **União de Núcleos, Associações dos Moradores de Heliópolis e Região (UNAS) Heliópolis**, São Paulo;
- **Mundo dos Livros**, Mauá;
- **Centro Cultural Dona Leonor (CCDL)**, Mauá;
- **Picadeiro da Leitura**, Guarulhos;
- **Djeanne Firmino**, São Paulo;
- **Biblioteca Escolar Amorim Lima**, São Paulo;
- **Solano Trindade**, São Paulo;
- **Ademir dos Santos**, São Paulo.

A rede LiteraSampa, assim como outras redes da RBNC, se articula dentro da concepção de que o acesso à literatura é um direito humano. Antônio Cândido, em seu ensaio de 1988, ano da promulgação da Constituição Federal, **O direito à literatura**⁵, desenvolve esse conceito e é a partir dele que as bibliotecas comunitárias atuam. Para ele, “o esforço para incluir o semelhante no mesmo elenco de bens que reivindicamos está na base da reflexão sobre direitos humanos” (CÂNDIDO, 2017, p. 175). Classificando os bens como compressíveis (alimento, casa, roupa) e incompressíveis (cosméticos, enfeites), ressalva que o limite entre eles é indistinto; são incompressíveis também aqueles que “garantem a integridade espiritual” (p. 176). Definindo como literatura “todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações”, e “manifestação universal de todos os homens em todos os tempos” (p. 176), Cândido esclarece como, na sua representação das contradições humanas, a literatura tem uma função humanizante, ampliando o espectro de experiências do sujeito. Conclui que

a luta pelos direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis de cultura. A distinção entre cultura popular e cultura erudita não deve servir para justificar e manter uma separação iníqua, como se do ponto de vista cultural a sociedade fosse dividida em esferas incomunicáveis, dando lugar a dois tipos incomunicáveis de fruidores. Uma sociedade justa

⁵ CÂNDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. 6 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2017.

pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável. (CÂNDIDO, 2017, p. 193)

Valls (2004) descreve como as unidades de informação podem se beneficiar da adoção de condutas que coloquem o foco na satisfação do cliente (que, no caso das bibliotecas comunitárias, seguindo a escolha do estudo de Fernandez, Machado e Rosa, 2018, chamaremos de *interagentes*) e da adoção dos princípios especificados nas normas NBR ISO 9001, já que “a padronização dos processos baseada na NBR 9001 possibilita a previsibilidade, que minimiza os riscos e custos de operação”. Essa visão está inserida no contexto da gestão de qualidade, que a norma define como um conjunto de “atividades coordenadas para dirigir e controlar uma Organização, no que diz respeito às qualidades” (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2000, p. 8). A gestão de qualidade é descrita, então, como uma

forma de gestão de uma organização, definida pela alta direção, tendo como base as necessidades dos seus clientes, baseada na identificação de requisitos de qualidade do produto ou serviço, no estabelecimento de um planejamento para que esse padrão seja atingido e na constante busca pela melhoria, em todos os seus aspectos, visando à satisfação dos clientes e a eficácia da organização. (VALLS, 2004, p.173)

Ademais, aponta os principais pontos da norma a serem levados em consideração: foco no cliente; *liderança*; *envolvimento de pessoas*; *abordagem de processo*; *abordagem sistêmica para a gestão*; *melhoria contínua*; *abordagem factual para a tomada de decisão*.

No caso das bibliotecas comunitárias e sua gestão, por se tratar de equipamentos ligados à educação, à cultura e à afirmação de um direito humano, o direito à informação e à educação, acreditamos que podemos fazer referência a estudos, bem mais numerosos, sobre a gestão participativa em meio educacional, como o de Mello, Freitas e Brizolla (2014), que explanam, a partir de uma experiência vivida num contexto de ensino universitário, que

A gestão democrática está definida como um princípio educativo desde a Constituição Federal do Brasil de 1988, no art.

206, inciso VII, que estabelece a "gestão democrática do ensino público, na forma da lei", sendo referendada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB n 9394/1996, no que diz respeito à descentralização dos processos decisórios e de execução, e à garantia da elaboração de planejamento de forma colaboradora e participativa, valorizando as experiências de cada um. [...] Evidenciar essa configuração formativa da PROGRAD-UNIPAMPA, uma comunidade aprendente de gestores-educadores foi uma maneira de apresentar possibilidades para qualificar os processos de formação dos servidores que dela participam, de modo a transformar os grupos gestores dessas práticas em efetivos espaços de aprender participativos. O que também ajuda a concretizar transformações epistemológicas, já que o foco do aprender passa de um sentido individual para uma perspectiva coletiva, que assume o desenvolvimento de práticas dessa natureza e a consequente construção do conhecimento como processos dinâmicos e em permanente reconstrução, atingido compreensões e ações mais complexas a partir das diferenças percebidas dentro e fora da comunidade. A partir das percepções e sugestões de seus integrantes, concebemos que o diálogo, a interação e os espaços de estudo, bem como a convivência interativa possibilitam a constituição de novos caminhos neste espaço de trabalho, na possibilidade de vivenciarmos, mais intensamente, a gestão participativa em comunidade aprendente. (MELLO; DE FREITAS; BRIZOLLA, 2014)

Fernandez, Machado e Rosa (2018) identificam que a grande maioria das bibliotecas comunitárias compreendidas em seu estudo (75,5%) não possui organograma; 20,3% possui e 4,2% não soube responder. Esses dados levantados pelas pesquisadoras apontam para uma situação de informalidade no trabalho dessas bibliotecas; efetivamente, a presença de profissionais da biblioteconomia nesse tipo de unidade de informação é incipiente. No entanto, elas utilizam a gestão participativa como estratégia para “estabelecer uma relação íntima com o território e a população local”. As autoras, então, estabelecem dois tipos de participação: “o da gestão participativa onde a natureza da participação é consultiva e o da gestão compartilhada, entendida como espaços em que a participação é deliberativa, ou seja, onde há um compartilhamento das decisões” (FERNANDEZ, MACHADO e ROSA, 2018, p. 49).

Na pesquisa de que estamos falando acima, 81,1% das bibliotecas respondentes afirmam adotar mecanismos de gestão participativa. 18,9% não adotam ou não responderam. Ainda, das BCs que afirmaram adotar mecanismos

participativos, 37,1% dispõe de modelos consultivos; somente 19,6% envolvem público e parceiros nas discussões e 44% declararam possuir mecanismos deliberativos.

Reproduzimos, abaixo, tabela com a compilação de dados do estudo **O Brasil que lê**, 2018:

Estantes	%
Conselho consultivo formado pela equipe interna	17,5
Conselho deliberativo formado pela equipe interna	23,1
Conselho consultivo formado pela equipe interna, público e parceiros	19,6
Conselho deliberativo formado pela equipe interna, público e parceiros	21
Não possuem conselho / não souberam responder	18,9

(Fernandez, Machado e Rosa, 2018, p. 49)

O texto **Expedição Leituras** (HONORATO, SILVA, GUARILHA *et al.*, 2018) é uma produção da RNBC, do Instituto C&A e do Itaú Social que sistematiza conhecimentos e práticas desenvolvidas nas redes de bibliotecas comunitárias que se espalham pelo país.

É um texto *sui generis*, bem diferente daqueles com os quais entramos em contato quando pensamos em escrita acadêmica. No entanto, é escrito num gênero clássico da literatura, a carta: tem forma epistolar. O prefácio de Frei Betto anuncia que a coincidência com a forma utilizada também nos Evangelhos é eficaz para trazer a boa nova que são os saberes, as práticas e as demandas que estão sendo desenvolvidos e percebidos nessas redes. Falam diretamente a quem lê, num registro muito próximo. Trazem, também, um recurso característico do gênero literário: a metáfora, utilizando-o sempre; além, é claro, de ditados e expressões populares que também são, a seu modo, metáforas. O direito à literatura é o direito à metáfora, à ressignificação do mundo. Assim, a gestão compartilhada

já podemos adiantar: não tem nada a ver com negócio, com lucro, com concentração ou hierarquia de poder. As bibliotecas comunitárias organizadas em redes escolheram a gestão compartilhada como forma de funcionar, por acreditarem que o universo é abundante, assim como o rio e o mar. Tudo o que está disponível é para ser compartilhado entre todos. Não precisamos acumular, sobrecarregar, reter e dominar. Para a rede navegar no fluxo das águas, ela precisa ser grande, feita de elos que se interligam, se conectam horizontalmente e criam uma malha forte, resistente, transparente, capaz de suportar o peso que está distribuído entre todos os pontos, e assim pesca a diversidade de

peixes e outros seres que vivem por lá. [...]”Manda quem pode, obedece quem tem juízo”. A gestão compartilhada, por sua vez, exige um grande esforço, um movimento contracorrente, que demanda mecanismos democráticos de transparência e de participação efetiva de todos. Companheira, estamos aqui cheias de imagens na cabeça para você entender melhor o que estamos falando. Imagina que as redes de bibliotecas comunitárias são como uma floresta. Os espaços das bibliotecas são a terra-solo, o acervo de livros são as sementes, os leitores e mediadores de leitura são as árvores, as práticas de enraizamento comunitário são as raízes e **a gestão compartilhada é a água que nutre e contribui com o crescimento exuberante da floresta.** (HONORATO, SILVA, GUARILHA *et al.*, 2018, p. 85-86, grifo nosso).

É com essa linguagem literária que o trabalho descreve, então, a visão que eles têm da gestão compartilhada nas redes de BCs: é um fluxo, é a água, é o esforço contracorrente, horizontal, que se opõe diametralmente aos valores da individualidade, da competição e da concentração de poder e riqueza que se nos oferece normalmente. Esse sistema vai contra a corrente. O liberalismo, que a pesquisa de Fundação Perseu Abramo, **Percepções e Valores Políticos nas Periferias de São Paulo**⁶, realizada em 2017, portanto um ano após o golpe parlamentar de estado *en drag de impeachment*, através de entrevistas e grupos focais, aponta ser presente no imaginário das populações desses territórios um tipo de liberalismo; há, certo, as especificidades da mentalidade: entretanto, na “ideologia do mérito” que a pesquisa identifica, no desejo de ascensão social que se manifesta especialmente pelo apelo do empreendedor bem sucedido, o modelo de gestão compartilhada - um passo além da “gestão participativa”, propõe um novo paradigma de atuação dentro de um uma tipologia organizacional que coloca as pessoas como centrais e como principal riqueza. O trabalho ainda reforça que a gestão compartilhada é fundamental para o fortalecimento do coletivo,

“um modelo de trabalho que preconiza a busca pelo (re)conhecimento e aprendizado coletivo de forma dinâmica, orgânica, contínua e recíproca, com as ações sendo fruto da troca de ideias e planejamento colaborativo” (HONORATO, SILVA, GUARILHA *et al.*, 2018, p. 81).

⁶ Disponível em:

<https://fpabramo.org.br/wp-content/uploads/2017/03/Pesquisa-Periferia-FPA-040420172.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2021

Isso se dá na horizontalidade da tomada de decisões e também na uniformização dos pagamentos para mediadores e coordenadores, o que permitiu dar importância aos primeiros para que estes tenham, também, a fala durante as reuniões - “Não diferenciamos coordenador e mediador na rede, ambos recebem os mesmos recursos. [...] O único pré-requisito para ter direito a voz e voto é a participação efetiva na rede.” (HONORATO, SILVA, GUARILHA et al., 2018, p. 88). Participam mediadores, coordenadores, bibliotecários, comunicadores, gestores das instituições e voluntários, ou seja, todas as pessoas envolvidas nas ações e atividades (HONORATO, SILVA, GUARILHA et al., 2018, p. 88). Nas redes visitadas na Expedição, o principal espaço que se apresenta é o encontro mensal da equipe. Também é comum a divisão de tarefas em Grupos de Trabalho (GTs).

A pauta da assembleia, como é chamada a reunião mensal da rede, é distribuída na semana anterior. A ata da reunião é feita em sistema de rodízio e tem que ser distribuída em até 24 horas. A presença nas reuniões e atividades é registrada em uma planilha, para acompanhar a participação igualitária das bibliotecas e instituições nos compromissos. O contato é centralizado no e-mail institucional, acompanhado diariamente. (HONORATO, SILVA, GUARILHA et al., 2018, p. 89).

As redes visitadas neste trabalho de Honorato e outras autoras e autores (2018) tem a *circulação das informações* como traço essencial: a lida com pessoas, às vezes inseridas em equipes muito diversas entre si, é uma dificuldade, como uma força; a comunicação entre as partes é essencial para o bom desenvolvimento das atividades. “**Generosidade, escuta e paciência** são palavras de força! [...] Podemos dizer que uma equipe bem-sucedida é aquela que constrói laços de **afetividade, acolhimento e respeito mútuo.**” (HONORATO, SILVA, GUARILHA et al., 2018, p. 90, grifo nosso). A comunicação é, aqui, compreendida como um direito humano, bem como o acesso à literatura. Se a gestão compartilhada é a água, a comunicação é o vento, na imagem dos expedicionários da obra de que estamos tratando:

A organização dos processos de comunicação deve ser construída de forma gradual e sistemática e considerar a conscientização dos integrantes da rede e a realização de estudos e formações. Muitas vezes, envolve também uma sensibilização dos gestores das organizações, pois a comunicação institucional precisa estar

conectada à comunicação para a causa da leitura como direito humano (HONORATO, SILVA, GUARILHA *et al.*, 2018, p. 96)

A rede cearense **Jangada Literária** relata nesse texto que, se no início havia várias pessoas alimentando as redes sociais, o que gerava confusão; a **Expedição Leituras** constata que se há a necessidade de encontrar alguém, possivelmente da área de comunicação, para fazer esse serviço, utilizando-se de linguagem clara e acessível (HONORATO, SILVA, GUARILHA *et al.*, 2018, p. 99). Afirmam, também, que se for inviável, por questões financeiras, a contratação desse profissional, que existe a possibilidade de “criar parcerias para a permuta de um profissional da área” enquanto que a rede **Sou de Minas, Uai!** criou um GT especificamente para abordar problemas e soluções para esse aspecto da gestão compartilhada. (HONORATO, SILVA, GUARILHA *et al.*, 2018, p. 100).

Para realizar este trabalho, por conta da pandemia de Covid-19 que ainda está em curso, observações *in loco* não puderam ser realizadas. No entanto, através de uma entrevista realizada por meio da internet, com a coordenadora do Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário (IBEAC) Bel Santos Mayer e duas suas convidadas, Val e Renata, esta última uma jovem mediadora, foi possível estabelecer algumas categorias de análise através das quais podemos descrever alguns dos elementos da gestão compartilhada na rede LiteraSampa. Esse modelo tem um papel central na identidade desta rede. Algumas práticas e saberes foram transplantadas para outras redes de BCs, inclusive a própria RNBC. Segundo a entrevista, o modelo de gestão democrática foi uma exigência do Instituto C&A no edital que resultou no nascimento da própria rede. Na entrevista, as coordenadoras e a mediadora afirmam que as características da gestão compartilhada vão além dos processos de tomada de decisão: passam por questões que atingem diretamente a autoestima dos interagentes, como quando Bel relata a insistência para que fossem feitos os reparos na mala de um dos mediadores, que foi rasgada numa viagem de avião. Ele nunca teria insistido para que sua mala, emprestada por seu irmão, fosse consertada, não se achando merecedor disso por ser morador de uma favela.

Bel - [...] O Bruno, o Bruninho - que é um dos jovens - ele fala como é que foi para ele, o dia que a mala dele chegou rasgada, e eu disse: "Vamos, lá, no balcão para reclamar." - Ele falou: "Não. Não precisa não" - E eu falei: "Como, não precisa, não? A mala chegou toda estourada. Vamos lá." E, aí, ele fala nessa entrevista: "Eu fiquei olhando para Bel. E eu fui, porque eu respeito. Mas eu não acreditava que eles iam numa favela pegar uma mala. Arrumar a mala e devolver." Então ele falou: "Quando eles me devolveram a minha mala arrumada..." - Porque não era nem a mala dele. Ele tinha pegado emprestado de um irmão. "Quando eles devolveram a minha mala arrumada, aquilo transformou a minha vida.". "Eu fiquei pensando: Puxa vida, mesmo já estando, aqui, há 4 anos em uma biblioteca, eu não me achava merecedor de ser tratado com respeito. É como se a vida da gente fosse tão zoada, que se alguém zoa um pouquinho mais: "Paciência, é assim mesmo.". Então, assim: Ouvir - sabe? - o Bruno falando sobre isso. E perceber como isso foi transformador... (ANEXO A)

Abarca também o lugar onde as reuniões da rede são realizadas, em um lugar diferente a cada vez, com uma pessoa local fazendo a mesa. No paradigma usual, onde cada um busca chamar a atenção para si, competindo com os outros, ceder a fala e escutar atentamente uma pessoa é romper com a atitude esperada.

2.1 A classificação do acervo, catalogação e controle de autoridade

A classificação e a catalogação de um acervo são atos de comunicação, como já afirmam Mey e Silveira (2009). Longe de obedecer a regras cristalizadas, o processo de descrição de um acervo deve ser realizado de modo a oferecer autonomia àqueles que deverão fazer uso deste. Assim, o método utilizado na rede é o da classificação por cores, desenvolvido pela bibliotecária Cida Fernandez, do Centro Cultural Luiz Freire. Algumas bibliotecas se utilizam do sistema computacional "Alexandria" para desenvolver o catálogo e ter controle sobre a circulação, o mesmo que é usado nas bibliotecas públicas. A classificação por cores permite maior autonomia aos usuários na hora de escolher algo para ler. É fácil identificar o livro nas estantes.

Val: [...]A cor ajuda a se encontrar. E nós queremos que as pessoas entrem nas bibliotecas e não fiquem esperando que a gente vá lá e dê o livro que a gente quer, né? - de trás do balcão. - A gente quer que as pessoas entrem e sintam: "Essa biblioteca é minha." - Que a

pessoa vá lá, escolha o livro que ela quer. Acessando àquela estante, né? Tem uma questão estética, de organização. Mas tem uma questão, mais, de autonomia e democratização. Então, a gente também passou por um processo de formação. Quando a Cida construiu esse sistema, a gente passou por várias formações, nesse sentido. E ainda hoje, quando a gente olha para as nossas bibliotecas e percebe algumas coisas, a gente leva para a Cida: "Olha, Cida, acho que falta algum gênero, aqui. Alguma classificação" - né? Por exemplo: A gente colocou: "Olha, tem que ter na estante o espaço de Literatura Africana E Afro-Brasileira e um espaço de Literatura Indígena.". Então, vai ter uma classificação para isso. Então todas as bibliotecas têm. E, aí, é um processo de estudo, também, né? Porque a gente vai lá, olha o livro. E, às vezes, não está dizendo: "Ah, é livro de conto.". Eu não sei que livro é aquele. Então, como é que eu descubro esse gênero literário? Para poder classificar? E a catalogação, a gente tem uma catalogação, que é o Sistema Alexandria. Ele é de uma parceria que é a "Docs e Bites", que fez. É o Sistema das Bibliotecas Públicas- né, Belzinha? - E, aí, a gente ganhou de presente, até para fazer um teste como Rede. Né? E a gente abraçou a proposta também. Fizemos várias formações nesse sentido. Acontece que na nossa Rede, não são todas as bibliotecas que têm esse Sistema. Porque isso também é muito livre. É um convite: "Olha, se você quiser que a sua biblioteca faça parte dessa rede de catalogação, fique à vontade. Se você já tem um sistema que para você funciona e você quer continuar no seu sistema, fique à vontade também." (ANEXO A)

Bel: Porque, assim: Ninguém chega e fala assim: " Ah! Eu queria ..." Poucas pessoas vão chegar e falar: "Ah! Eu queria literatura indígena.". Faz o que a Rê falou, né? - Eu quero livro de terror. Livro com dragão. " Ah. Eu quero livro para criança, para ajudar a dormir". Então, eles estão reorganizando os livros. Se eu quero, assim: "Ah. Eu queria só literatura que fala de amor". - Tem sacola só de amor. Aí tem literatura infantil, que fala de amor. Tem poesia que fala de amor. Tem romance que fala de amor. Então, essa proximidade com a comunidade, ela vira essencial. E, aí, então, assim: "Ah, eu queria livro que ensina a amar" - É isso? Aí você pega e enfia, lá dentro, - né? - um Manoel de Barros [...] (ANEXO A)

Não só os livros são classificados, os autores também recebem suas marcas; assim, nas estantes, os livros recebem indicação sobre a autoridade - se é negra, ou periférica, independentemente do tema abordado no livro, pois essa acabou por se revelar uma necessidade do público que essas bibliotecas atendem e para as diversas atividades de mediação realizadas nessas bibliotecas:

Bel: Antes de passar para a Rê, de novo, eu acho que uma coisa bacana dessa questão da catalogação é essa discussão Política e dinâmica, né? Porque nós somos bem Freireanas e Freireanos, né?

A gente fala: "A história está sendo e a gente faz parte dela.". Então, não tinha nas categorias da Cida Fernandes, a autoria Afro-Brasileira e Indígena. E nós falamos: " Para nós é essencial.". Porque a gente quer que as pessoas conheçam. -Você que é amigo da Ju, então, imagina. - Faz uns 3 anos que a gente tem discutido - Porque a LiteraSampa tem o LiteraSampafo. - Nós fomos a primeira Rede a fazer essa discussão da Literatura Negra. A gente fez um curso com o Cuti, que era discutindo o conceito mesmo. Se é Literatura Negra, se é Literatura Afro Brasileira. Depois, fizemos um curso com Cidinha da Silva. E, hoje, a gente tem discutido autoria negra. Porque quando a gente fala sobre Literatura Afro Brasileira, a gente olha muito para a temática que ela aborda. Mas ao falar em autoria negra, tanto faz sobre o que é que esse autor negro escreve. Se escreve sobre futebol, se escreve sobre ficções, sobre o que ele quiser. Mas ele é um autor negro. E isso é importante para nós, nas nossas bibliotecas: Conhecer que existe uma autoria negra. Assim como uma autoria periférica, que quer falar de amor. As pessoas podem falar sobre o que elas quiserem. Mas por que é que a gente demarca essa autoria periférica? Porque nos interessa dizer que estamos nas estantes, junto aos clássicos. Com aquilo que foi chamado de clássico. (ANEXO A)

2.2 Desenvolvimento de acervo

O acervo das bibliotecas é desenvolvido em conjunto e pensado coletivamente; mediadores e coordenadores trabalham em colaboração para escolher quais livros farão parte da biblioteca e porque:

Renata: [...] A proposta é que os mediadores de leitura e os jovens leitores do Projeto lessem juntos, né? E discutissem essa obra. E levassem para esses encontros. Então, logo no começo, enquanto os encontros eram presenciais, a gente teve a oportunidade dessa abertura, de contar sobre o projeto. Apresentar as obras, né? Onde a gente estava, estavam vindo as orientações desses autores. E, aí, eu lembro que no primeiro dia, a gente teve alguns exercícios para a gente ir se conhecendo... E todos estes livros estavam na mesa - [*Corte de Transmissão*] (47:24) -Se quiserem eu desligo a câmera. Vocês conseguem ouvir? Pode continuar?

Bel: - Pode. Você estava falando do dia em que os livros estavam todos na mesa. E como vocês foram escolhendo.

Renata: Isso. Esse processo a gente fez mais de uma vez. Essa inauguração do Projeto. A abertura. Esta chegada, mesmo: De se conectar com as obras. E essa escolha foi coletiva. Eu me lembro disso. Sempre. Sempre, na verdade. Em todos os processos. Tivemos outros momentos de escolher, de fazer votação. De: "Olha, eu acho que ler essa obra!". E também, no decorrer, a nossa formadora Celeste, ela ia orientando: "Olha, eu acho que essa obra, aqui, se conecta com determinado texto que a gente tem lido...Com a

vivência que a gente tem experienciado.”. Porque no decorrer do processo a gente também teve encontros com autores. Então, esse processo ia sendo entremeados por esses diálogos. E, hoje, também. A gente tem os nossos encontros online - por conta da Pandemia - e os livros são escolhidos coletivamente. Sempre. Em todo o processo. Os jovens têm essa autonomia e protagonismo para pensar esse Projeto. Para compartilhar, né? A gente compartilha nas nossas redes sociais... Uma das outras propostas, do "Ler, Ver e Contar". (ANEXO A)

Além disso, a biblioteca não incorpora todo e qualquer item que foi doado: há critérios para receber doações. Parte da construção da auto estima e da identidade é feita justamente pela incorporação de livros em bom estado, novos, que são comprados em livrarias com o apoio dos interagentes. São feitas listas de livros requisitados pelas pessoas da comunidade, ou de autores que participaram de rodas de leitura nas bibliotecas. Além disso, os livros são distribuídos pela rede de acordo com as necessidades de cada espaço:

Val: Lá no comecinho, com o Instituto C&A. E tinha recurso para a gente montar as Bibliotecas, né? - Algumas ainda não existiam. Então..., né? - A Caminhos, por exemplo, foi feita a lista. E foram os jovens, junto com a Bel, com a Vera, com a mediadora na Livraria comprar. - Né? Que foi até uma questão importante, né Bel? No processo. - Porque o pessoal da Livraria: " Pode mandar a lista que a gente manda os livros". E a gente falou: " Não. A gente quer que os jovens cheguem nessa livraria e escolham os livros, né? Então, é um processo, também, de formação e de desenvolvimento. E era bem no comecinho da Biblioteca. Hoje, quando a gente tem a possibilidade de ter recurso para a compra, essa compra também se faz de forma coletiva. Sempre olhando para a comunidade. Né? Então: Quando a comunidade vai até a Biblioteca e procura um livro que não tem. Aí, pede para o mediador: "Aí! Se conseguir compra? Que eu gostaria muito de ler...". - E a gente vai colocando... fazendo essa lista. Também a partir do que a gente conhece da comunidade. E os desejos da comunidade. Mas também a partir dessas referências que a gente vai buscando, né? - Então se a gente conhece um autor, a gente busca olhar - né? - Essa questão muito política que a Bel trouxe. Por exemplo: da Literatura Indígena, e da literatura escrita por... de autoria negra. Então... Como é que a gente olha para esse acervo também? É um acervo que tem uma bibliodiversidade? Ou é um acervo que só tem conto? Só tem livros Europeus? Ou só tem... né? - Então, a gente olha para tudo isso para pensar esse acervo. E, aí, quando tem a possibilidade de comprar, a gente faz essa construção também. Da Rede. A Rede indica. A Rede constrói uma lista coletiva. E a gente vai vendo a possibilidade de compras. [...]

Val: Ou o livro tá rasgado. Tá destruído. Então... A gente foi construindo, também, critérios para receber os livros. Porque não é porque é uma Biblioteca Comunitária - E a comunidade, às vezes, não tem outro espaço de biblioteca, não tem o acesso - que a gente vai oferecer qualquer coisa: " Ah. Pelo menos a gente tá oferecendo livro.". Não. "Pelo menos", não. - A gente vai oferecer o melhor. Então, quando a gente fizer a lista de compras, a gente vai fazer o melhor. A melhor lista. Quando a gente chamar um autor, ou uma autora, a gente vai buscar aquilo que tem a ver com a identidade daquela comunidade. E a gente foi construindo isso. E aprendendo. Hoje chega ainda, às vezes, alguma outra coisa que não dá para a gente colocar? Chega. Mas, aí, a gente tem um diálogo legal também, com as pessoas. E para que as pessoas entendam: " Olha, aqui, é um lugar em que a gente quer oferecer o melhor para a comunidade.". Então, os melhores livros vão chegar. Não adianta chegar o livro faltando página. Ou livro riscado. [...] Às vezes chega do IBEAC, né? - Os livros, para serem distribuídos para a Rede. Aí, vai 1 representante de cada biblioteca. Para a gente separar junto. Selecionar. E aí, muito, olhando, também, para o que a Bel falou no começo. Do recurso, né? É igual para todo mundo? De repente, a biblioteca da Caminhos tem muito livro de literatura infantil. E a Flos não tem. Então: "Olha, dessa vez vai "X" para a Flos e "Y" para a Caminhos. Não precisa dividir igualmente. Então a importância, também, de todo mundo estar nesse processo. De olhar os livros. De selecionar. De ver se aquele livro cabe para alguma biblioteca, né? Se faz sentido. E acho que é um pouco por aí, também, o que a gente tem feito, aí, pensando nessa construção desse acervo. Que ele é diversificado. Que ele tem qualidade. Né? Que a gente pensa com muito cuidado e carinho para os leitores. E àqueles que ainda serão leitores. Né? Principalmente. (ANEXO A)

2.3 Questões atitudinais e escuta, letramento digital

Não só de ações como essas é feita a gestão compartilhada. Tão importantes e tão concretas como as outras, são as dimensões atitudinais. A ocorrência de termos como “ceder”, “compartilhar”, “generosidade” na entrevista salta aos olhos. As bibliotecas compartilham livros entre si, cedem o espaço próprio das reuniões umas às outras, respeitam o tempo do outro. Fazem lanches pagando adequadamente uma equipe. No entanto, acima de todas as atitudes, a escuta do outro aparece como a mais importante. Ouvir, escutar, aprender: são verbos recorrentes não só na entrevista que se realizou, mas também no texto **Expedição Leituras**. Ceder, até mesmo o CNPJ. Aprender a fazer recibo, entrar num edital.

Atuando com diferentes idades, pessoas que se encontram em momentos diversos de suas vidas.

O letramento digital aparece quando um aprende com o outro a gerir o grupo no *Facebook*, o *Google Drive*, realizar a ata da reunião para que aquele que não pode comparecer possa tomar ciência das decisões. A coordenação ensina ao jovem a se locomover pelo território, mas os jovens ensinam a coordenadora a se locomover no espaço virtual, na concreta realização do diálogo e da troca de saberes - sempre respeitando a vontade do outro:

Bel: A gente entendeu que é muito importante para a gente passar para a outra – né? - Como é que o financeiro é organizado. Então a gente deu formação de como que se faz recibo. Aí, a gente passou a estimular os mediadores de leitura a serem MEIs, para não terem só recibo. Agora, faz uns 2 anos, a gente começou a apoiar, financeiramente também, as Organizações que queriam se tornar PJ. Tem Organizações que não querem. Organizações, Coletivos. Até, agora eles mudaram de ideia, né? O Solano Trindade, que foi a primeira biblioteca que o IBEAC criou com jovens, é uma biblioteca que tem 22 anos. E eles sempre quiseram ser um coletivo: *Núcleo Cultural Força Ativa*. E, aí, a gente trouxe para a nossa Rede, também a Brechoteca, - Né? - A antiga Brechoteca - que é a Djeanne Firmino. Elas também, elas falaram: "Nós somos uma *Coletiva: As Achadoras de Histórias*"; "A gente não quer ser uma Organização Social". E tudo bem. Não tem problema. Cabe também, dentro dessa Rede, diferentes formatos. Só que para você fazer o convênio com os apoiadores financeiros, você precisa de um CNPJ. Então, a gente tem que fazer um rodízio de quem empresta o seu CNPJ, a cada 2 anos, para fazer o Projeto da Rede. Então, a gestão compartilhada passa até por aí. Então: Quem tem CNPJ precisa fazer essa generosidade de doar o CNPJ. E o que significa você doar o CNPJ? Às vezes, você fica impedido de apresentar um projeto para a sua Instituição. Porque você já tem um projeto com aquele apoiador. Mas todo mundo tem que passar por esse processo, né? - Generoso, aí, de doação. - Então, era só para trazer alguns exemplos, né? De como é que a gente tem feito. Também tem a coisa do registro, né? Que sempre foi assim: Quem recebe, fisicamente, prepara o café e também faz a ata. Porque a gente falou: " Todo mundo tem que aprender a fazer registro.". Cada um vai fazer do seu jeito. Mas o que é que é essencial no registro? A pauta. E o que a gente decidiu, a partir daquela pauta. E também a mediação de leitura: Quem recebe é o responsável pela mediação de leitura. A gente fez uma formação para todo mundo aprender a usar o *Google Drive*. Eu não aprendi até hoje. Mas eu fiz a formação. Eu morro de medo de apagar, né Valzinha? Eu tô sempre enchendo a Renata, a Val. Todo mundo. Porque eu tenho medo de perder as coisas. Mas eu fiz a formação, direitinho. Eu o Cido, - Porque tem a turma mais velha - né? - Eu,

Cido, Zenita. E, aí, a garotada deu formação para a gente, para a gente aprender. Porque facilita. Se a gente faz isso no *drive*, está acessível para todo mundo. Eu, sempre que eu preciso do *Drive*, eu falo "Alguém pode me enviar o link?" Porque eu nunca acho. Mas não tem problema. Não tem problema. As pessoas mandam. Mas se eu tiver que fazer a ata no *Drive*... - Durante a reunião, a ata é feita lá, porque fica acessível até para alguém que não conseguiu estar presente. Esta pessoa consegue acompanhar. [...]

Renata: [...] Não. Enquanto eu escutava a Val, falando sobre esse processo, me veio muito a palavra "escuta", mesmo, né? Dessa conexão com essas pessoas, né? Com esses jovens leitores. Essas crianças. Porque, às vezes... Como é que a gente atrai? Chama a atenção para esse espaço, né? E, aí, o que aconteceu é que para mim foi muito rico esse processo de ouvir o que eles gostariam de ler. Como eles gostariam de conduzir o encontro, por exemplo. Porque - né? - "Ah, essa estratégia não funcionou. Mas essa aqui funcionou." [...]

Bel: [...] Esses autores, a gente chama a qualquer hora, e eles dão a maior importância pra gente - Né, Rê? - A gente chama, eles vêm sentar com a gente...conversar. Vêm para a "Live". Porque para eles.... O que é que um autor quer? Ele quer ser lido. E quando ele vê essa turma de 14, 15, 16 anos... Essa turma leu coisas que você não imagina, né? Começou com "*Cidades Invisíveis*" do Ítalo Calvino, leram *Jarid Arraes*, mas também leram *Americanah*. (ANEXO A)

2.4 A ação "Eu aguardo a biblioteca Caminhos da Leitura"

A biblioteca Caminhos da Leitura, tendo perdido a sua sede durante a pandemia, colocou em prática uma ação de guarda difusa de seu acervo: 500 sacolas, cada uma contendo 10 exemplares de títulos diversos, foram dispersas pelo bairro, que se responsabilizou pela guarda dos livros. Guarda compartilhada de um acervo bibliográfico, literalmente.

Bel: Dentro desse exercício democrático e de conhecer o que as pessoas estão lendo, a gente tem o exemplo da Caminhos da Leitura, que acabou de perder o seu espaço - né? - A gente ... É a nossa biblioteca, dentro de um cemitério na casa do Coveiro. E o Cemitério resolveu, em plena Pandemia, ampliar a área de sepultura. E, aí, além de receber a notícia com absoluta tristeza, a gente começou a se encontrar e pensar assim: "O que é que a gente vai fazer para que essa comunidade não perca esse espaço?" - E, aí, a gente foi levantando possibilidades. Tudo para não colocar os livros nas caixas. E, aí, a gente decidiu: Nós construímos - as costureiras do bairro - né? - produziram 500 sacolas. E em cada sacola são colocados 10 livros. E quem vai ser o guardião dessa

biblioteca é a própria comunidade. É uma ação que chama "Eu guardo. Eu aguardo a Biblioteca Comunitária Caminhos da Leitura". E cada família guarda 10 livros. Que elas podem, depois, trocar entre elas. Isso fez os jovens reorganizarem o acervo. (ANEXO A)

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As bibliotecas da rede LiteraSampa surgem, como vimos, nas regiões mais remotas da conurbação paulistana: Parelheiros, no bairro de São João em Guarulhos, Mauá, Santo André. Abrigam acervos diversos, plurais, de boa qualidade. Propõe ações de leitura compartilhada e encontros com escritores, oficinas de escrita. A gestão compartilhada não é simplesmente uma forma de se fazer as tarefas, mas é a forma adequada para ensinar também o exercício da democracia e aprofundar o enraizamento da comunidade, como se vê na ação "Eu (a)guardo a biblioteca Caminhos da Leitura".

A entrevista realizada desvelou alguns aspectos estruturantes da gestão compartilhada e de sua incidência na formação de leitores. Viu-se, até no tom de voz da entrevistada Bel - claro e pausado, que a atitude geral é de acolhimento, até mesmo com uma pessoa estranha ao ambiente, como é o caso deste estudante - um homem branco, em seus 40 anos, de classe média - externo, portanto, ao contexto social em que se realizam as ações da rede.

Considerando as muitas limitações impostas a este trabalho, inclusive por conta do isolamento social imposto pela pandemia, o que limitou a possibilidade de observações *in loco*, as possibilidades da gestão compartilhada proposta por essa rede de bibliotecas são inúmeras ao pensarmos em como podemos fazer para aumentar o fluxo de usuários de nossas bibliotecas públicas, utilizando-as como instrumentos de educação conjunta com escolas, no enraizamento comunitário, na possibilidade de influir na auto estima das pessoas. A leitura conjunta de obras como **As cidades invisíveis**, de Ítalo Calvino, realizada pelas mediadoras, aponta para um universo aberto ao plural e ao diferente, que nos remonta aos exemplos que Antônio Cândido nos dá em seu ensaio citado acima, quando descreve as experiências realizadas por Jean Guéhenno que, nos anos '30 do século passado,

no Congresso de Escritores de Karkov, conseguiu interessados e empenhados leitores para obras de Balzac, Flaubert e Stendhal, ao passo que esses mesmos leitores pouco se interessaram pela *literatura proletária*, objeto de debates desde a Revolução de alguns anos antes, ou do relato de Maria Vitória Benevides, que constatou que, em Milão, a respeito de uma lei italiana que assegurava aos operários algumas horas para o aperfeiçoamento cultural em matérias por eles escolhidas, contra a expectativa geral de que estes escolheriam disciplinas técnicas, constatou-se que a maioria escolhera aprender o idioma italiano (falavam dialetos locais), conhecer a literatura italiana e a tocar violino (CÂNDIDO, 2017, p. 191, 192).

Desta feita, apesar de, para um trabalho como esse, ter sido ideal maior fôlego para que se realizasse uma etnografia, resta que a escuta atenta, o intercâmbio de saberes, o respeito ao outro, aqui, neste contexto, são as características fundamentais da gestão compartilhada, ao menos no contexto da rede LiteraSampa de bibliotecas comunitárias. A classificação por cores do acervo, a partir de necessidades apresentadas pelos leitores que frequentam esses equipamentos culturais, rodas de leitura, encontros com escritores, tudo isso aproxima as pessoas do universo do livro e da literatura, constituindo um chamado para a exploração de outros mundos, formando subjetividades, abrindo espaço para a descoberta de outros espaços, aproximando pessoas, desmistificando o conceito elitizado de literatura e enfrentando barreiras culturais; para além de tudo isso, os deslocamentos pelo território, com auxílio da coordenação, abre espaço para a leitura do mundo, além da leitura da palavra.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR ISO 9000**: sistemas de gestão de qualidade - fundamentos e vocabulário. Rio de Janeiro: 2000.

CÂNDIDO, Antônio. O direito à literatura. *In: Vários escritos*. 6 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2017.

CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução à teoria geral da administração**: uma visão abrangente da moderna administração das organizações. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/er/a/QPr8CLhy4XhdJsChj7YW7jh/?format=pdf&lang=pt> .

Acesso em: 03 nov. 2021.

FERNANDEZ, Cida; MACHADO, Elisa; ROSA, Ester. **O Brasil que lê**: bibliotecas comunitárias e resistência cultural na formação de leitores. Olinda: CCLF, 2018.

FLUSSER, Victor. Uma biblioteca verdadeiramente pública. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 9, n. 2, 1980. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/75955>. Acesso em: 08 nov. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 67. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

GANDIN, Danilo. A posição do planejamento participativo entre as ferramentas de intervenção na realidade. **Currículo sem fronteiras**, v. 1, n.1, pp. 81-95, jan.-jun. 2001. Disponível em:

<https://biblat.unam.mx/hevila/CurriculosemFronteiras/2001/vol1/no1/4.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HONORATO, Carlos; SILVA, Claudileude; GUARILHA, Julia; GUERRA, Adriano; Leite, Camila; Verçosa, Érica; Souza, Juçara; CAVALCANTE, Márcia; SILVA, Maria Betânia; ANDRADE, Rafael; DAMASCENA, Túlio; ROCHA, Val; SOUSA, Valeska. **Expedição Leituras**. Brasil: RNBC; São Paulo: Instituto C&A: Itaú Social, 2018.

INSTITUTO CULTIVA; ESCOLA DE GOVERNO DE SÃO PAULO. **Dicionário de gestão democrática**: conceitos para ação política de cidadãos, militantes sociais e gestores participativos. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MACHADO, Elisa Campos; VERGUEIRO, Waldomiro. A prática da gestão participativa em espaços de acesso à informação: o caso das bibliotecas públicas e das bibliotecas comunitárias. **Rev. Interam. Bibliot.** Medellín (Colombia) Vol. 33, n. 1 jan.-jun. de 2010. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/rib/v33n1/v33n1a10.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2021.

MELLO, Elena Maria Billig; DE FREITAS, Diana Salomão; BRIZOLLA, Francéli. Gestão democrática em comunidade aprendente na educação superior. **Educação e Fronteiras**, Dourados, v. 4, n. 10, p. 53-67, out. 2014. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/educacao/article/view/3648>. Acesso em: 09 jun. 2021.

MEY, Eliane S. A.; SILVEIRA, Naíra C. **Catálogo no Plural**. Brasília: Briquet de Lemos, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de S.; SANCHES, Odécio. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? **Cad. Saúde Públ.**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3: 239-262, jul/set, 1993. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/csp/v9n3/02.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2019.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Ensaio História**, São Paulo: PUC-SP, n. 10, 1993.

O papel das bibliotecas comunitárias diante da Covid-19. São Paulo: Biblio em Ação, 3. ed., 2020. Publicado pelo canal da FESPSP. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u3t2SHu7jFk>. Acesso em: 08 nov. 2021.

PRADO, Geraldo Moreira; MACHADO, Elisa Campos. Território de memória: fundamento para a caracterização da biblioteca comunitária. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: USP, 2008. Comunicação oral apresentada ao GT-03 – Mediação, circulação e uso da informação. Disponível em:

<http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/handle/123456789/1359>.
Acesso em: 01 abr. 2021.

RNBC. **Bibliotecas Quarentonas**. Disponível em:
<https://rnbc.org.br/curiosidade/biblioteca-mais-antiga>. Acesso em: 08/11/2021.

SANTOS, Josiel Machado. Ação Cultural em bibliotecas públicas: o bibliotecário como agente transformador. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. São Paulo, v. 11, n. 2, p. 173-189, jun./dez. 2015. Disponível em:
<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/download/425/468>. Acesso em: 24 nov. 2019.

STANISCI, Silvia Andrade. Gestão Participativa. In: DI GIOVANNI, Geraldo; NOGUEIRA, Marco Aurélio (org.). **Dicionário de Políticas Públicas**. São Paulo: Editora da Unesp; Fundap, 2015.

VALLS, Valéria Martin. O enfoque por processos da nbr iso 9001 e sua aplicação nos serviços de informação. **Ciência da Informação**, v. 33, n. 2, 2004. Disponível em:
<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/17918>. Acesso em: 09 jun. 2021.

Shared Management in community libraries of the LiteraSampa network

ABSTRACT

This work aims to investigate how community libraries of the LiteraSampa network in the city of São Paulo manage their internal processes, how these libraries are and their relations within the communities; as from Paulo Freire's thought on education and liberty, it explores, through analysis of documents provided by such libraries, interviews with personnel and working teams of the aforementioned libraries, if they may be seen as representatives of democratic management, as well as the incidence of this model of management on their actions towards promoting reading and books. Through content analysis of material produced by those libraries, as well as interviews and their social networks, we understand that a welcoming attitude, active listening and horizontality of processes contribute to bonding between its members as well as "community rooting", in direct opposition to the competitive and individualistic paradigm of the neoliberalist model.

Keywords: community libraries; participative management; shared management; democracy; social librarianship.

ANEXO A – Transcrição da entrevista

LEGENDA:

M1	BEL
M2	VAL
M3	RENATA
F	FRANCISCO

F: Eu estou fazendo biblioteconomia. Descobri vocês através do "Brasil que Lê", desta publicação. E vi que é um trabalho superinteressante. E, enfim... Das coisas que eu penso, assim, é.... antifascismo e democracia. E, aí, eu tive essa intuição de: "Eu acho que é essa galera que trabalha com liberdade e democracia, mesmo.". Porque eu penso isso: Que a democracia é mais a gente viver certas coisas, certas práticas... Então eu estou aqui para aprender com vocês, mesmo. E eu agradeço, desde já. Tenho certeza de que será muito enriquecedor. Essas leituras que eu estou fazendo, eu estou lendo as cartas- não terminei ainda- da "Expedição Leituras". E é lindo. Um trabalho lindo, né? Eu falei com a Bel e coloquei algumas perguntas. Mas eu acho que seria mais legal deixar vocês falarem. (*Fala do celular*) - Eu estou fazendo 2 TCCs. Porque eu estou na "Biblio" e estou no Técnico em Museu, na ETEC. Aí, na ETEC, o TCC é sobre Memória Negra, no Bairro da Liberdade. E eu sou o único branco da turma. E é isso, assim: Eu fico no meu canto. Porque eu acho que são eles... E , assim... Eu sou o único branco e sou o mais velho. E a voz é deles. É um processo pedagógico. São os meninos que eu acho que tem que ter o protagonismo na caminhada. Eu não posso ousar e sair na frente. Então, por favor, gente. Eu tô aqui.

M1: Ah! Faz uma primeira pergunta para a gente começar, pelo menos. Senão fica todo mundo tímida...

F.: Eu mandei um questionário para as Bibliotecas da Rede. Eu decidi, no TCC, me limitar às bibliotecas da LiteraSampa do Município de São Paulo. Que são 8: Entre as quais, está a Cultura no Quintal. Então, eu vou fazer as perguntas do questionário. E, aí, acho que vocês podem responder de uma forma livre. E é o seguinte: No texto, aqui, do *Expedição Leituras* vocês dizem assim: " Ah, a gente adotou essa prática da gestão compartilhada depois de outras.". E eu queria saber: Como foi que vocês chegaram nisso? E a comunidade? Na gestão da Biblioteca, ela participa? Assim: Têm assembleias que vocês organizam. Como é que são essas assembleias, assim? Tem a comunidade, ou é o pessoal da Biblioteca? Vocês abrem, assim? Eles têm voz decisória? E... Por exemplo: Como é que vocês planejam as ações? Das bibliotecas? - Agora eu sei que está em Pandemia. Mas não importa. Eu estou acompanhado vocês pelas mídias, assim. E eu estou vendo que vocês estão superativas. No Instagram, no Facebook, eu vejo as "Lives.". É... Como

é que vocês acham que a gestão compartilhada incide na escolha dessas ações que vocês tomam? Como é que é isso? Como é que essas coisas se dão? Eu acho que é isso, assim. Aí, é com vocês.

M1: Vai lá. Quem começa? Vou eu, Valzinha?

M2: Pode ser. Eu posso ir também. Só fala para o Francisco que a gente se empolga.

F: Eu tô super ansioso. Há dias. Esperando chegar sexta-feira, às 16:00. Você é bibliotecária, né, Val?

M2: Nada! Não. Eu sou artista. Aproveitando, né? Eu sou a Val. Eu faço parte da equipe do IBEAC, como Gestora de Projetos. Sou formada em Artes Cênicas e Artes Plásticas. E, aí, fui aprendendo outras coisas, outras metodologias, outras pedagogias com esse povo lindo que eu encontrei no caminho. - né? - E, aí, estou na Caminhos da Leitura, hoje. - Na nossa biblioteca que fica, lá, em Parelheiros. - Mas antes eu fazia parte de uma outra biblioteca, comunitária também, que fazia parte da Rede LiteraSampa. E a gente, eu e a Bel, estamos desde o começo da Rede. Antes eram bibliotecas individuais, né? E, aí, há um convite, uma provocação e a gente se juntou. No começo para ser polo de leitura. E, aí, depois: Rede. Você fez várias perguntas, aí, né? Vou falar um pouquinho. E, aí, depois a gente vai fazendo essa conversa. - Né? - Eu acho que é mais gostoso. Pensando nesse lugar - né? - de gestão compartilhada: Eu acho que a gente não sabe fazer de outro jeito, né? A gente começou assim desde sempre. Acho que desde o primeiro encontro, em que a gente foi provocada a juntar para... Né? "Vamos nos juntar para fazer essa" - Para levar a Literatura para os lugares. - Para fortalecer, para enraizar as Bibliotecas Comunitárias, no território.... A gente já começou nesse movimento de pensar: "Olha, já que a gente vai se juntar, então a gente precisa pensar tudo junto". "Todas as decisões precisam ser feitas por este coletivo." - Né? - E, aí, começando desde a construção de um plano coletivo, até olhar para a parte financeira. Né? Porque quando a gente olha para os espaços - Tanto para as Organizações e, hoje, as Bibliotecas Comunitárias - e a gente pensa em recurso, por exemplo. O recurso, ele vai direto para aquela instituição, para aquela biblioteca para gerir, junto com a sua equipe, né? - Pensando naquele plano de ação, naquela comunidade, nos desejos da comunidade. - né? - Eu acho que isso para a gente é muito importante, também. Quando você pergunta da assembleia e dos planos - enfim- que a gente pode falar um pouco mais.... Mas a gente sempre parte de uma escuta no território. - Né? - Até para pensar esse espaço físico. Pensar as ações. Pensar isso tudo o que a gente faz. Não é quem está na biblioteca, que é o mediador, ou gestor que decide. Mas é um coletivo. Tanto o coletivo Rede, como o coletivo território. E, aí, foi um processo de pensar: "Como é que a gente faz uma gestão que é compartilhada - desde pensar o plano, executar o plano e pensar a questão financeira?" - né? - Porque é isso: Vem um recurso, que vai ser destinado para fazer as ações da Rede. Então, a decisão não pode ser de um ou outro, né? Tem que ser uma decisão coletiva. Então, acho que, desde sempre, esse é o jeito que a gente sabe fazer. Acho que por isso, também, que a gente se juntou e a gente está, aí, existindo até hoje. Porque é o jeito que a gente sabe fazer. De escuta e de decisão coletiva. Então eu acho que foram caminhos que a gente também foi aprendendo. Discutindo. E, hoje, quando a gente olha a Rede Nacional, eu acho que ela também

se inspirou muito nas ações que a LiteraSampa foi construindo. - Né? - O jeito que a LiteraSampa foi construindo, no fazer. A Bel, acho que pode falar mais disso, né? - Porque foi o IBEAC - na época nem era IBEAC - que começou a levar os jovens para fazer parte das reuniões de gestão, também. Então já se vê, que se mexe em um monte de questões, aí. Não são os gestores das bibliotecas que gerem a Rede. Né? É mediador, de todas as idades. - principalmente mediador jovem. - A Rê está aqui - né? - Como uma das gestoras também. São as pessoas mais velhas. Tem Coordenador, têm mediador de leitura. Então é uma Rede que... É... Pensar essa gestão, que é a muitas mãos e muitos olhares, tem que partir desse olhar do coletivo e dessas muitas pessoas. Dessas diversidades e desse desejo, que é um só, né? Um sonho de onde se quer chegar - e o que se quer fazer, é o mesmo. Então, eu acho que isso são coisas que vão nos unindo por uma mesma causa. Eu acho que eu comecei, aí, um Eu passo para as meninas. E, aí, a gente vai se complementando.

M1: Tá. Eu acho que a Val trouxe, já, essa coisa desse espírito da Gestão, né? E eu vou trazer alguns exemplos, que talvez ajudem a entender melhor. -Entender melhor, não. Entender mais, né? - Porque eu acho que é isso que a Val fala: Uma gestão compartilhada que começou desde essa provocação do apoiador financeiro, que era o Instituto C&A. Né? - Que, hoje, não está mais na pauta de Educação. Porque eles migraram para o apoio à questão do enfrentamento ao trabalho escravo com mulheres. - Então, o Instituto C&A, ele apoiava às bibliotecas, individualmente. E em 2010, eles lançaram um edital que só poderia ser coletivo. E as bibliotecas precisavam se juntar, né? E eram 4 bibliotecas. São Paulo decide que não vai concorrer com a gente mesmo. E, aí, a gente decidiu criar a Rede LiteraSampa, juntando São Paulo, Mauá e Guarulhos. A gestão compartilhada começou, já, ali, na nossa história. Nós poderíamos nos dividir e concorrer, quatro com quatro. Mas o edital dizia que seria 1 Rede por Estado. E nós falamos: "Nós não vamos concorrer conosco. Nós vamos apresentar as 8 bibliotecas juntas.". E eu lembro que a pessoa que era... a facilitadora, assessora do Instituto C&A, ela perguntava assim: "Mas como é que vocês vão fazer para se encontrar?" - Porque de Parelheiros até Guarulhos dão quase, dá mais de 100 quilômetros. Né? Porque não é Guarulhos - Centro. É no São João. - Né? - É periferia com periferia. E a gente falou: "Isso a gente vai resolver.". E, aí, como é que a gente resolveu isso? Nós decidimos que as reuniões - Imagina, faz onze anos que fazemos reuniões mensais - E a gente decidiu que cada reunião seria em uma biblioteca. Quase inspiração, lá, do Pequeno Príncipe. Né? "Longe é um lugar que não existe.". Então, o seu longe é o perto do outro. E a gente fez isso. Só paramos por conta da Pandemia. Mas, sempre, as reuniões aconteceram cada mês em uma biblioteca. Então: No começo do ano, a gente define- na primeira reunião - onde vai ser a reunião de cada mês. Quando começou a Pandemia, passados os momentos de desespero, a gente decidiu quem ia ser o anfitrião de cada reunião. - Então, aquilo que acontecia no físico, passou para o digital. - E, aí, a gente deu o letramento digital. Porque nem todo mundo sabe marcar a reunião, enviar o convite, fazer o registro, orientar as pessoas a como participar da reunião. Então, sempre teve esse exercício - para nós - assim: de quem sabe mais tem que trocar. A gente precisa trocar saberes. E, aí, o que é que significava ir para o outro lugar? Aprender a ensinar o itinerário para as pessoas. Então, a gente desenvolveu roteiros para as pessoas aprenderem a chegar. No começo a gente mandava por e-mail, depois -

quase todo mundo passou a ter celular - a gente mandava pelo *Whatsapp*. Se organizavam pequenos grupos para se encontrar, para poder conseguir chegar. Então, as nossas reuniões sempre eram das 10:00 às 16:00. Para dar tempo de todo mundo conseguir chegar na faculdade. Dos que estudavam. Porque de qualquer lugar que você saísse, você estava a pelo menos duas horas e meia do Centro. E as faculdades não estão nos Bairros. A coisa de garantir o lanche. Então, a gente reservava recurso financeiro para comer, para tomar um lanche. Porque quem ia para a faculdade não jantava. Precisava ter um lanche para o caminho. Boa parte das Organizações tinham ação complementar. Algumas, como o IBEAC, não tem. Então, era reservado o recurso para comprar o almoço. Depois, o IBEAC acabou desenvolvendo uma cozinha de alimentação saudável - mas tinha que pagar às mulheres que cozinhavam. Então, a gestão financeira, ela também nunca foi nessa ideia, assim: Chega o recurso, vamos dividir igual para todo mundo. Não. A gente tem que ver quais são as necessidades de cada biblioteca. Isso para a gente, como princípio democrático, é essencial. A gente olhar e falar: "Olha. Aqui precisa mais. Essa biblioteca está precisando de apoio para a estrutura. Aqui, se não tiver dois mediadores, o trabalho vai acabar."; "Na outra organização...". Então, você imagina, né? O ano passado, eu lembro...O EJAAC, por exemplo, falou: "Olha! A gente conseguiu um outro projeto. Então a gente pode abrir mão de um mediador.". Aí dá para aumentar o número de mediador da "Mundo dos Livros.". -Isso é um sonho de relação, né? - A gente conseguir discutir e falar: "Olha! Eu consigo segurar as pontas, nesse momento, com menos recurso, para apoiar a outra biblioteca que está precisando mais.". Na questão da Gestão, uma outra coisa que a gente fez... Eu lembro que a primeira Instituição Gestora foi o Gotas de Flor, da Camila **Frat**, Que depois saiu da Rede, né? Então o Gotas entrou. E a gente decidiu que quem entrasse, ficaria 2 anos. Porque o segundo ano era o de transição, para ensinar à outra Instituição como faz. Então o Gotas ficou 2, depois o IBEAC ficou 2. Aí entrou a Flos Carmeli, que é onde a Renata estava. Então, sempre um ano, para a gente poder fazer a transição. Aquilo que os governos fazem, né? - Em dois três meses - e destruindo o que já estava pronto.... A gente entendeu que é muito importante para a gente passar para a outra - né? - Como é que o financeiro é organizado. Então a gente deu formação de como que se faz recibo. Aí, a gente passou a estimular os mediadores de leitura a serem MEIs, para não terem só recibo. Agora, faz uns 2 anos, a gente começou a apoiar, financeiramente também, as Organizações que queriam se tornar PJ. Tem Organizações que não querem. Organizações, Coletivos. Até, agora eles mudaram de ideia, né? O Solano Trindade, que foi a primeira biblioteca que o IBEAC criou com jovens, é uma biblioteca que tem 22 anos. E eles sempre quiseram ser um coletivo: *Núcleo Cultural Força Ativa*. E, aí, a gente trouxe para a nossa Rede, também a Brechoteca, - Né? - A antiga Brechoteca - que é a Djeanne Firmino. Elas também, elas falaram: "Nós somos uma Coletiva: *As Achadoras de Histórias*"; "A gente não quer ser uma Organização Social". E tudo bem. Não tem problema. Cabe também, dentro dessa Rede, diferentes formatos. Só que para você fazer o convênio com os apoiadores financeiros, você precisa de um CNPJ. Então, a gente tem que fazer um rodízio de quem empresta o seu CNPJ, a cada 2 anos, para fazer o Projeto da Rede. Então, a gestão compartilhada passa até por aí. Então: Quem tem CNPJ precisa fazer essa generosidade de doar o CNPJ. E o que significa você doar o CNPJ? Às vezes, você fica impedido de apresentar um projeto para a sua Instituição. Porque você já tem um projeto com aquele apoiador. Mas todo mundo tem que passar por esse processo, né? - Generoso, aí, de doação.

- Então, era só para trazer alguns exemplos, né? De como é que a gente tem feito. Também tem a coisa do registro, né? Que sempre foi assim: Quem recebe, fisicamente, prepara o café e também faz a ata. Porque a gente falou: " Todo mundo tem que aprender a fazer registro.". Cada um vai fazer do seu jeito. Mas o que é que é essencial no registro? A pauta. E o que a gente decidiu, a partir daquela pauta. E também a mediação de leitura: Quem recebe é o responsável pela mediação de leitura. A gente fez uma formação para todo mundo aprender a usar o *Google Drive*. Eu não aprendi até hoje. Mas eu fiz a formação. Eu morro de medo de apagar, né Valzinha? Eu tô sempre enchendo a Renata, a Val. Todo mundo. Porque eu tenho medo de perder as coisas. Mas eu fiz a formação, direitinho. Eu o Cido, - Porque tem a turma mais velha - né? - Eu, Cido, Zenita. E, aí, a garotada deu formação para a gente, para a gente aprender. Porque facilita. Se a gente faz isso no drive, está acessível para todo mundo. Eu, sempre que eu preciso do *Drive*, eu falo "Alguém pode me enviar o link?" Porque eu nunca acho. Mas não tem problema. Não tem problema. As pessoas mandam. Mas se eu tiver que fazer a ata no *Drive*...

- Durante a reunião, a ata é feita lá, porque fica acessível até para alguém que não conseguiu estar presente. Esta pessoa consegue acompanhar. - Aí, se me enviam o link, direitinho, eu também entro, contribuo. - Né, Val? - Eu não atrapalho tanto. E, aí, quem é que são as pessoas da reunião? - Para depois eu passar para a Re falar, como é que ela chegou nessa Rede e como ela a percebe, né? - A gente, desde o início, definiu - Porque, no começo, quem é que vinha para a reunião? Vinham os mediadores. Algumas reuniões, iam os Gestores. Aí, a Rede LiteraSampa definiu: Sempre tem que estar: um gestor, um educador e um mediador. Porque é esse trio que tem que tomar decisão. Porque você tem instituições que fazem 500 mil outras coisas. A biblioteca é um dos projetos daquela instituição. E, aí, o mediador não conseguia decidir, às vezes, porque na instituição.... Não são em todas as Organizações em que o mediador participava das reuniões de Diretoria, das reuniões institucionais. E a gente falou: "Olha, é por aqui que a gente vai conseguir mudar essa história". Então, nas nossas reuniões, precisa estar o trio. E isso fez uma revolução em um monte de instituição. Porque as pessoas começaram a perceber que é um ganho você ter mais gente pensando: "Qual é o lugar da Literatura, dentro dessa instituição? É um puxadinho? Ou essa é uma pauta, mesmo? A gente está falando do Direito Humano à literatura, como um direito que assegura todos os outros?" - Né? - E isso foi muito importante. A gente conseguia fazer isso na Rede LiteraSampa. Mas quando chegava nos Encontros Nacionais, o que é que as pessoas queriam sempre? - Claro! - Aquele Gestor que fala. Então, sempre me chamavam. Aí, eu tinha um lugar para falar. E, aí, eu peguei e falei: "Olha, gente, Parelheiros está a 50 quilômetros da sede do IBEAC. "- que é na Doutor Arnaldo - "Nós estamos apostando que aquele precisa virar um território leitor. A gente precisa que esses jovens participem desses encontros. Eles precisam saber que a nossa Biblioteca, em Parelheiros, não está solta. A gente já está na Rede LiteraSampa. Mas eles precisam conhecer as pessoas. As ideias vêm quando a gente sai do lugar, quando a gente se encontra.". E, aí, eu fiz o pedido de que um jovem pudesse ir junto. Aí. eles falaram: "Não dá. Porque não tem recurso.". Eu falei: " Tá bom. Então vai o Rafael, eu não vou."; "Ah, mas a gente precisa de você.". Eu falei: "Então, se eu preciso ir, o Rafael precisa ir junto.". Aí, deram um jeito. Fizeram uma carta. Vinha assim: " Tem uma exceção: Parelheiros..." - Deram, lá uma explicação e foram 2 pessoas. Aí, perceberam o quanto isso era bom. A gente ter outras vozes. De quem está, lá, no chão da Biblioteca. O quanto...Não demorou

nem 1 ano e virou regra: Todos os Encontros Nacionais precisava ter, em cada Rede, uma pessoa que nunca tivesse viajado na vida, para participar do encontro. Porque, assim: Não é só a leitura, né? É aprender àqueles códigos que estão sempre tão distantes da gente. Pegar o ônibus. Chegar no Aeroporto antes do horário. – coisas que vão ter que ser aprendidas, todas de novo. - Pegar passagem. Esperar a mala. Meu mestrado é sobre os deslocamentos dos meninos de Parelheiros. E tem coisas maravilhosas, né? Esses meninos falando como o lugar de dignidade... Como foi importante, para essa dignidade, ter se deslocado. O Bruno, o Bruninho - que é um dos jovens - ele fala como é que foi para ele, o dia que a mala dele chegou rasgada, e eu disse: “Vamos, lá, no balcão para reclamar.” - Ele falou: “Não. Não precisa não” - E eu falei: “Como, não precisa, não? A mala chegou toda estourada. Vamos lá.” E, aí, ele fala nessa entrevista: “Eu fiquei olhando para Bel. E eu fui, porque eu respeito. Mas eu não acreditava que eles iam numa favela pegar uma mala. Arrumar a mala e devolver.” Então ele falou: “Quando eles me devolveram a minha mala arrumada...” - Porque não era nem a mala dele. Ele tinha pegado emprestado de um irmão. “Quando eles devolveram a minha mala arrumada, aquilo transformou a minha vida.”. “Eu fiquei pensando: Puxa vida, mesmo já estando, aqui, há 4 anos em uma biblioteca, eu não me achava merecedor de ser tratado com respeito. É como se a vida da gente fosse tão zoada, que se alguém zoa um pouquinho mais: “Paciência, é assim mesmo.”. Então, assim: Ouvir - sabe? - o Bruno falando sobre isso. E perceber como isso foi transformador.... Na Rede LiteraSampa, né? - Agora, tudo bem, né? Vão fazer dois anos sem encontro presencial. - Mas a gente garantiu que todo mundo pudesse participar dos Encontros Nacionais. Porque isso é transformador. E para algumas pessoas, essa é a única oportunidade que ela pode ter de sair de onde ela está para chegar em outro lugar. Falei muito, desculpa! Vai, Rê.

M3: Imagina, Bel. É sempre importante ouvir você. A Val. Nossa, fiquei muito emocionada, agora... Me conecto muito - né? - com esse exemplo do Bruninho. E outros, né? Que a gente vêm conversando, já, há um tempinho - sobre essa questão de acreditar que é possível, de até onde eu posso ir. - A Bel sempre fala comigo sobre limites. E até onde eu posso chegar. Ontem, mesmo, a gente conversou sobre isso, né? Porque eu estava um pouco insegura - né? - De estar aqui, ocupando esse espaço. E falando. Eu até falei com ela "Nossa, eu acho que tem tal e tal pessoa..." Pensei em algumas pessoas. Não cheguei a falar. Pessoas que poderiam vir aqui, que têm mais tempo na Rede também. Justamente por essa preocupação: " Será que eu dou conta de ocupar?" - apesar de estar fazendo... Desse fazer prático estar acontecendo, né? Então é muito... Eu me emociono muito de te ouvir. Eu cheguei um pouco antes do horário - né? - E, aí, eu comecei a conversar com o Francisco sobre a Biblioteca, né? Como eu comecei. E onde foi que eu tive esse primeiro encontro com a Rede LiteraSampa - né? - e as Bibliotecas Comunitárias. Porque até então eu não conhecia. Eu sou da dança também. Da escrita. Gosto de escrever, de dançar, já faz um bom tempo. Tive contato também com alguns grupos de teatro. Antes de chegar até a Rede. E foi por indicação de um amigo, o Renan Marangoni, do grupo Corpo Molde, que foi quem conversou comigo sobre a Biblioteca que eu já atuava: A Biblioteca Cultura no Quintal, da Associação Maria Flos Carmeli. Disse que eles estavam precisando de um jovem leitor, ou leitora, para iniciar no projeto de Literatura e Direitos Humanos. - Que depois a Bel vai falar um pouquinho melhor. E que o Francisco vai conhecer. É o que eu tinha comentado no começo- E, aí, eu

estava insegura. Mas, ao mesmo tempo, aquela oportunidade, para mim, foi tão... Nossa! Eu fiquei muito surpresa. E extremamente emocionada- né? - e feliz, de ter esse primeiro contato. Já tinha acesso aos livros. Mas da maneira como a Rede LiteraSampa - e vocês, - né? - Bel, Val, e os outros integrantes da Rede conduzem, era novo para mim. Era novidade. - E, aí, quando eu aceito participar desse grupo e conheci a Biblioteca, é onde eu vou encontrando outras pessoas que vêm me fortalecendo, né? - Eu sempre falo isso - No sentido de segurança, de me sentir confortável. De me reconhecer, também, dentro dos meus processos. Essa questão do autorrespeito, da autovalorização, que é tão importante. E essa conexão com a Literatura. E essas obras, que a gente têm discutido no Projeto de Literatura e Direitos Humanos. - entre outras formações da Rede - que vêm me ensinando a quebrar muros. Eu acho essa frase muito importante. Né? Tem me preenchido muito. E, aí, a partir disso, quando eu vou me conectar a esse Projeto, em que a proposta - até então, antes da Pandemia, né? - era ler no espaço, interagir com aquelas pessoas. Aquele público, né? Dos atendidos: As crianças e os adolescentes da Associação. As mães, os pais. Os responsáveis, de modo geral. As pessoas que trabalham e constroem aquele espaço. E também estar no espaço físico. Então: Foram os primeiros contatos com acervo, com catalogação. Né? A mediadora - a Daí - que estava nesse processo, me ensinou muito. Então: Essas construções, quando a gente fala sobre gestão compartilhada e sobre essa troca de saberes, ela está muito viva, né? O tempo inteiro. Eu estou muito nessa prática: em relação às teorias, material. Eu tenho, aos poucos, lido e me informado. Chegando, né? Então, elas 2 começarem a falar é muito importante para mim. Porque eu vou aprendendo também. Porque têm vivências da Rede que eu desconheço. - que eu tenho conhecido aos pouquinhos - Mas essa questão prática do chegar, de estar mais envolvida na Biblioteca, no GT, de mobilização de recursos. Desse fazer, mesmo. E me desafiar. Esse “desafiador”, eu tenho exercitado na minha prática. Às vezes, eu fico nervosa, eu saio falando um monte de coisa. Não sei se está fazendo sentido.

M1: Acho que sim. Mas era legal você contar como é que você chegou no GT de mobilização?

M3: Certo. Eu vou devagarzinho. Eu fico um pouco emocionada e vai tudo ao mesmo tempo. Então: Dentro desse processo: Iniciei no projeto, né? Então, acompanhando os encontros, presenciais, com o grupo de jovens do Ler Ver e Contar. E ao mesmo tempo, também, trocando com a Dai, mediadora de leitura da Associação Maria Flos Carmeli. E nesse processo ela foi me contando da vivência dela na Rede - Eu ainda não acompanhava- até então - nem os encontros nem as formações. Mas ela sempre trazia um pouquinho. E ia me explicando sobre catalogação, sobre classificação. Essa vivência, mesmo, da prática. Mais técnica. E, aí, no decorrer desse processo, eu fui contribuindo, também, com os eventos do Espaço. De algumas decisões. Então: a Sueli me chamava para participar das reuniões. Para decidir junto quais os caminhos e as possibilidades para a mediação de leitura para aqueles jovens. E para as crianças também. Estar mais presentes no espaço. Aí, ano passado - antes da Pandemia? Não foi durante a pandemia, na verdade - Surgiu esse convite, no nosso grupo de Whatsapp, para ocupar esse espaço no GT da RNBC. - O GT de mobilização. - E eu fiquei tentada a participar. Porque eu já estava preocupada em ter uma representação. É importante. E foi pontuado isso, né? De ter uma representatividade mais...- não só uma pessoa...-

ocupando esse espaço. E, ao mesmo tempo, pensando em tudo o que eu estava desenvolvendo, ali, dentro da Rede. E em outros processos. Foi quando eu conversei com a Bel, com a Jéssica, Val, que eu tinha interesse. E, aí, outras pessoas também vieram. Como a Rosa e a Silvana. Então, assim: Quando eu cheguei no GT de mobilização, eu realmente não tinha noção de como funcionava aquele espaço, né? Era novo. A gente já começou com reuniões. Um processo em que a gente já estava em formação. Decidindo várias questões, né? E, hoje, eu me sinto mais segura para ocupar aquele espaço. É aos poucos, é dentro do meu processo. Eu tenho respeitado. Mas a gente: Eu, Rosa - né?- A gente tem estruturado, aos poucos, tanto o GT dentro da Rede LiteraSampa, como também temos essa participação no GT da RNBC. Temos desenvolvido algumas atividades, que logo compartilharemos com a Rede. Viemos discutindo. E... O que mais que eu posso trazer? Assim, de informação? Vocês vão me pontuando, né? É desafiador. Eu sempre falo isso. Porque para mim é novo estar nesse lugar.

F: Posso perguntar uma coisa?

M3: Pode. Por favor.

F: Você falou que você entrou em contato com esses processos: de catalogação, classificação dos livros. Como que é a catalogação e a classificação dos livros? Porque eu sei que tem... Eu acho que é a Elisa Machado, não é? Que fez um sistema de catalogação por cor? Como é que é? Vocês adotam isso? É unificado? Ou cada biblioteca tem a sua cara? Porque eu vi um vídeo da Bel, que ela fala assim: desse "compartilhamento de recursos e das práticas". E é uma prática, né? A catalogação, a classificação. Que pode ser bem trabalhosa, assim. E eu não conheço, eu preciso me aprofundar no método de Elisa. Eu trabalhei em uma biblioteca escolar. E a gente usava o método por cor. A gente dividia por cor os livros das crianças. Era uma biblioteca bem pequenininha. Eu trabalhava com as crianças pequenas. E então.... É cor, mesmo. E os meninos sabiam. Era impressionante. 5 anos, eles sabiam o que eles queriam. Eles viam a cor. Eles sabiam o que é que era. Do que se tratava...Pela cor, né? Isso é acesso, né? Como é que vocês trabalham isso?

M2: Posso começar? A Rê está mais por dentro da catalogação, mas as meninas vão falando e a gente vai lembrando algumas coisas, né? Então, só retomando uma questão que a Bel trouxe: - já vou chegar nessa, já. - Dessa ida às bibliotecas. Dessa organização que cada equipe tem quando vai receber a Rede. Enfim... A gente vai aprendendo várias coisas. Então, a ida às bibliotecas também é um processo formativo. Muitas vezes, as reuniões eram feita no salão, ou numa outra sala da instituição. Mas tinha um momento da reunião em que a gente ia para a biblioteca. Isso significava o quê? A gente olhar o espaço do outro e contribuir com alguma ideia. Com algum jeito de fazer. E aprender. Então essa prática de ir para o espaço do outro para entender o itinerário, as distâncias...Para todo mundo se locomover, né? - Sair do seu espaço... Porque estar no seu espaço é meio: "Ah, estou no meu espaço, vou receber aqui. Não preciso pegar ônibus porque estou na minha comunidade". Mas assim: Como é que é para o outro sempre vir para o meu espaço? - Né? - Para a minha biblioteca? Então, esse movimento de sair do espaço é uma aprendizagem. Desde se organizar, de pensar o roteiro, de entender que ônibus pegar. Que trem. Onde desce. Com quem vai. Organizar a caravana para

chegar, é também chegar nesse espaço e entender: “Poxa, a Rê está falando, aqui. dessa comunidade, dessa organização do acervo. Dessas atividades. Mas como é esse território?” Eu vou entender a partir do momento em que eu colocar os meus pés, lá, né? E, aí, quando falamos desse sistema de catalogação e classificação do acervo, a classificação por cores foi criado pela Cida Fernandez, do Centro de Cultura Luiz Freire, a partir de várias pesquisas, de várias discussões. E dos encontros, esses encontros da Rede Nacional. - encontros formativos - de muita reflexão. Então, a partir das questões que a gente ia levando, também, ela construiu esse sistema. E é um sistema que todas as bibliotecas da Rede Nacional têm dentro das bibliotecas. E ele é uma forma da gente democratizar o acesso, né? E possibilitar a autonomia. É isso que você está falando. As crianças sabem. A cor ajuda a se encontrar. E nós queremos que as pessoas entrem nas bibliotecas e não fiquem esperando que a gente vá lá e dê o livro que a gente quer, né? - de trás do balcão. - A gente quer que as pessoas entrem e sintam: “Essa biblioteca é minha.” - Que a pessoa vá lá, escolha o livro que ela quer. Acessando àquela estante, né? Tem uma questão estética, de organização. Mas tem uma questão, mais, de autonomia e democratização. Então, a gente também passou por um processo de formação. Quando a Cida construiu esse sistema, a gente passou por várias formações, nesse sentido. E ainda hoje, quando a gente olha para as nossas bibliotecas e percebe algumas coisas, a gente leva para a Cida: “Olha, Cida, acho que falta algum gênero, aqui. Alguma classificação” - né? Por exemplo: A gente colocou: “Olha, tem que ter na estante o espaço de Literatura Africana E Afro-Brasileira e um espaço de Literatura Indígena.”. Então, vai ter uma classificação para isso. Então todas as bibliotecas têm. E, aí, é um processo de estudo, também, né? Porque a gente vai lá, olha o livro. E, às vezes, não está dizendo: “Ah, é livro de conto.”. Eu não sei que livro é aquele. Então, como é que eu descubro esse gênero literário? Para poder classificar? E a catalogação, a gente tem uma catalogação, que é o Sistema Alexandria. Ele é de uma parceria que é a “Docs e Bites”, que fez. É o Sistema das Bibliotecas Públicas- né, Belzinha? - E, aí, a gente ganhou de presente, até para fazer um teste como Rede. Né? E a gente abraçou a proposta também. Fizemos várias formações nesse sentido. Acontece que na nossa Rede, não são todas as bibliotecas que têm esse Sistema. Porque isso também é muito livre. É um convite: “Olha, se você quiser que a sua biblioteca faça parte dessa rede de catalogação, fique à vontade. Se você já tem um sistema que para você funciona e você quer continuar no seu sistema, fique à vontade também.”. Isso não é motivo para não fazer parte da Rede. Pelo contrário: Você faz parte da Rede. E a gente aprende, também, o seu outro jeito de fazer. Então, a gente também foi aprender a catalogar acervo. Porque nós não somos bibliotecários, né? Aqui, a Rê é mediadora, a Bel é matemática, pedagoga, agora é turismóloga... Bel 1001....Eu sou artista. E a gente foi aprendendo - né? - a catalogar e pensar: “Olha, a gente quer o sistema da Biblioteca Pública, CDD? Ou a gente quer um sistema em que as pessoas se sintam livres? E entendam como funciona aquela biblioteca? E “Ah, eu fico à vontade, aqui, para pegar o livro.” - Sem medo de pegar na estante. E entendendo como funciona? ” Então, a gente foi criando as metodologias também. Falei muito. Peço desculpas.

M1: Antes de passar para a Rê, de novo, eu acho que uma coisa bacana dessa questão da catalogação é essa discussão Política e dinâmica, né? Porque nós somos bem Freireanas e Freireanos, né? A gente fala: “A história está sendo e a

gente faz parte dela.". Então, não tinha nas categorias da Cida Fernandes, a autoria Afro-Brasileira e Indígena. E nós falamos: " Para nós é essencial.". Porque a gente quer que as pessoas conheçam. -Você que é amigo da Ju, então, imagina. - Faz uns 3 anos que a gente tem discutido - Porque a LiteraSampa tem o LiteraSampafro. - Nós fomos a primeira Rede a fazer essa discussão da Literatura Negra. A gente fez um curso com o Cult, que era discutindo o conceito mesmo. Se é Literatura Negra, se é Literatura Afro Brasileira. Depois, fizemos um curso com Cidinha da Silva. E, hoje, a gente tem discutido autoria negra. Porque quando a gente fala sobre Literatura Afro Brasileira, a gente olha muito para a temática que ela aborda. Mas ao falar em autoria negra, tanto faz sobre o que é que esse autor negro escreve. Se escreve sobre futebol, se escreve sobre ficções, sobre o que ele quiser. Mas ele é um autor negro. E isso é importante para nós, nas nossas bibliotecas: Conhecer que existe uma autoria negra. Assim como uma autoria periférica, que quer falar de amor. As pessoas podem falar sobre o que elas quiserem. Mas por que é que a gente demarca essa autoria periférica? Porque nos interessa dizer que estamos nas estantes, junto aos clássicos. Com aquilo que foi chamado de clássico. E aí, eu acho que a Rê poderia contar um pouco como é a seleção dos livros, no Literatura e Direitos Humanos. O que vocês lêem? Tem uma biblioteca que fica, lá, na favela Santa Lúcia, em Belo Horizonte, que você chega na Biblioteca e está escrito assim: "O que você anda lendo, menina"? Porque a primeira doutora daquela favela doou todos os livros dela. Ela foi para os Estados Unidos, fazer *pós-doc* e doou os livros dela. Então a biblioteca é assim: "O que você anda lendo, menina"? E as pessoas entravam para ver o que é que a Lúcia lia. Então, faço essa pergunta, Rê: "O que é que você anda lendo com esse povo?"

M3: Pois é. Antes de responder -Bel - O Francisco, eu cheguei aqui. Estava me apresentando, no começo. E ele perguntou um pouco sobre... Quer ouvir mais você falando sobre o projeto, né? O Literatura e Direitos Humanos. Acho que, antes de responder sobre as obras, a gente poderia contar como foi a escrita do projeto. Todo esse processo, também. Antes de a gente começar a falar da seleção. Que foi indicação de outros autores e autoras negras...

M1: Você conhece esse projeto tanto quanto eu. Você pode contar.

M3: Não. Imagina... Imagina...

M1: Pode contar. Se faltar, eu trago alguma coisa. Você conhece o Projeto. Conta você.

M3: Ai, Bel... Dá um nervoso, né? Não foi uma escrita minha. Não é uma escrita minha. Mas eu tenho acompanhado o projeto. Faz 2 anos, já, de existência e resistência desse projeto. Eu entrei em 2019. Como eu te falei, foi uma indicação desse meu amigo. E, aí, no decorrer do processo... - Foi um presente. - Por quê? Porque eu conheci e estou conhecendo outros jovens. Jovens de 14 e 25 anos, de outras realidades. Realidades que se conectam com a minha, mas de bairros diferentes, né? De periferias diferentes da que eu resido. Eu moro no Campo Limpo, Zona Sul. Então, dentro desse processo todo, a gente tem lido obras que têm esse recorte, esta temática da Literatura dos Direitos Humanos, que se aproximam muito das nossas vivências, né? E a gente tinha - antes da Pandemia - os nossos encontros presenciais. Os nossos Clubes de Leitura, para fazer essa leitura coletiva e fazer trocas de saberes. Saber o que é que esses jovens estão sentindo e como

têm se conectado com esses textos, essas narrativas. E com essas indicações de autores e autoras. - Depois a Bel conta como chegou - Como é que foi o processo de a gente receber esses autores e essas indicações. Recebemos cartas, inclusive. - Né? - Desses autores e autoras, explicando o porquê de indicar esses livros e essas obras para esse grupo, né? Temos também a nossa formadora Celeste. A Bel, Val, Celeste, que vão conduzindo esses encontros. Mas sempre permeado pela autonomia desses jovens. Então: "Conta a sua experiência com essa leitura. Não têm certo, nem errado.". A gente tem nossas dúvidas, tem questões técnicas que a gente sempre vai buscando compreender. Mas também tem muito dessa experiência - né? - De como esse livro chega. De como esse livro, ele nos atravessa. Deixa eu ver o que mais.... São muitas informações, que vão chegando, eu vou tentando....

F: E como chegam? Como vocês selecionam os livros que vão chegando, assim? Vocês selecionam juntos, eu imagino? Vocês tem um plano de desenvolvimento de acervo? Ou é uma coisa que é feita ...Por exemplo: Vocês viram Bacurau, né? Eu acho tão linda aquela cena, quando aquele Prefeito horrível pega e despeja os livros. Aí, depois, o professor fala: "Vamos ter uma reunião e vamos decidir, juntos, se tem alguma coisa que preste.". Porque ele trata os livros - né? - como lixo. E, aí, juntos, eles sentam em assembleia - no Bacurau - e vão decidir o que é que eles vão trazer. Pegar, aproveitar. E dispor na biblioteca. Vocês fazem isso, assim, também? Juntas?

M3: Antes da pandemia, os primeiros encontros, eram todos presenciais. No IBEAC. Na sede do IBEAC. E tivemos a abertura, né? - Eu não vou me lembrar da data exata. - viu, gente? - Mas foi em 2019, o nosso primeiro encontro com esses jovens. Em que a Bel apresentou o Projeto. A Val estava. Os mediadores de leitura também, né? -Eu vou lembrando as informações, no decorrer - Porque: Nós, jovens desse projeto LDH, participamos... - dentro dessas bibliotecas da Rede têm outros mediadores - então esses mediadores de leitura, essa mediadora, acompanhou esses jovens. - Então tinham sempre essas trocas. A proposta é que os mediadores de leitura e os jovens leitores do Projeto lessem juntos, né? E discutissem essa obra. E levassem para esses encontros. Então, logo no começo, enquanto os encontros eram presenciais, a gente teve a oportunidade dessa abertura, de contar sobre o projeto. Apresentar as obras, né? Onde a gente estava, estavam vindo as orientações desses autores. E, aí, eu lembro que no primeiro dia, a gente teve alguns exercícios para a gente ir se conhecendo... E todos estes livros estavam na mesa - [*Corte de Transmissão*] (47:24) -Se quiserem eu desligo a câmera. Vocês conseguem ouvir? Pode continuar?

M1: - (47:41)- Pode. Você estava falando do dia em que os livros estavam todos na mesa. E como vocês foram escolhendo.

M3: Isso. Esse processo, a gente fez mais de uma vez. Essa inauguração do Projeto. A abertura. Esta chegada, mesmo: De se conectar com as obras. E essa escolha foi coletiva. Eu me lembro disso. Sempre. Sempre, na verdade. Em todos os processos. Tivemos outros momentos de escolher, de fazer votação. De: "Olha, eu acho que ler essa obra!". E também, no decorrer, a nossa formadora Celeste, ela ia orientando: "Olha, eu acho que essa obra, aqui, se conecta com determinado texto que a gente tem lido...Com a vivência que a gente tem experienciado.". Porque no decorrer do processo a gente também teve encontros com autores. Então, esse

processo ia sendo entremeados por esses diálogos. E, hoje, também. A gente tem os nossos encontros online - por conta da Pandemia - e os livros são escolhidos coletivamente. Sempre. Em todo o processo. Os jovens têm essa autonomia e protagonismo para pensar esse Projeto. Para compartilhar, né? A gente compartilha nas nossas redes sociais... Uma das outras propostas, do "Ler, Ver e Contar". Além dessas discussões em grupo em que a gente está, ali, em conexão. E também compartilhar com mais pessoas. Criar essa rede de saberes. De escuta, também, daquilo que a gente tem produzido, pensado, discutido, dentro desse Projeto. Então, ao mesmo tempo em que a gente está doando, né? Está compartilhando o que a gente tem aprendido, a gente também traz das nossas realidades, das nossas práticas. E muitos jovens contam dessas experiências de leitura em casa, com a família, né? De ler para a mãe, de ler para a avó, para o pai também. De ir encontrando semelhanças - né? - com os personagens dessas obras e os nossos familiares, por exemplo. E de como isso vai expandindo, cada vez mais: através da escrita - a gente escreve -, grava vídeo, faz leitura um para o outro... Creio que seja isso, assim.

M1: Legal. Deu para ouvir, sim, Rê. Acho que é ótimo, isso que você trouxe. Eu queria apenas trazer um outro aspecto desse processo da escolha dos livros, que eu acho que está muito conectado com a nossa pauta de gestão compartilhada. Como também de democratização pela Literatura. Quando a gente convidou esses autores para indicar os livros... São 3 autores: O Luiz Cuti, A Ana Maria Gonçalves, de "Um Defeito de Cor", o Rogério Pereira e três mediadores: Eu, a Letícia Lisenfeld e a Camila Dias, do *Leia Mulheres*. Quando a gente convidou esses autores e professoras de Literatura, a gente colocou para eles o seguinte: "Olha, a gente quer uma literatura que nos ajude a atravessar o mau tempo.". Porque nós estávamos em 2018. No final das eleições. Né? Desse processo trágico desse processo eleitoral. E, aí, a gente falou: "Olha, a gente quer - a nossa Conexão: Literatura e Direitos Humanos- são literaturas para que nós atravessemos esse tempo. Mas tem uma consigna: A gente quer que metade desses autores sejam mulheres; sejam autoras.". E para alguns deles nós pedimos que metade fossem pessoas negras, autoria negra. Para a Letícia a gente pediu que houvesse representações dos 5 Continentes. Então, a gente foi dando consignas da nossa discussão de bibliodiversidade. Coisas que, às vezes, o autor não pensa. Mas a gente falou: "Se não formos nós, que estamos discutindo isso na prática, a provocar quem está pensando as teorias literárias e está escrevendo, quem é que vai fazer isso?". Então, esse era o convite: Eles tinham que fazer indicação e também escrever uma carta para os jovens leitores. Porque a gente definiu que cada biblioteca tinha que trazer um jovem, que não era mediador, mas estava por ali, perto da biblioteca, podendo se achar. E, aí, um outro mediador - a gente está fazendo uma discussão de ancestralidade literária. Porque é incrível como tem sido mais rápido o processo de formação dos leitores. Tem uma jovem: a Duda, que chegou com 15 anos. Hoje, ela faz mediação de "Lives" com escritores. Acabou de ser selecionada por um programa latino-americano, pela leitura da autoria negra. Por que é que a formação da Duda foi tão rápida? Existe uma ancestralidade leitora. Os seus coetâneos que já se formaram, se acelera esse processo. - E a gente gostaria muito que as escolas conseguissem aproveitar mais isso. Então, por isso eles produziram o especial da revista *Viração - Literatura e Direitos Humanos*. Porque era um jeito deles levarem para as suas escolas e falar: "Gente, então, olha! Eu faço parte dessa

história!" - E como a escola aproveita pouco - né? - a história desses meninos. Para os autores - né? - Esses autores, a gente chama a qualquer hora, e eles dão a maior importância pra gente - Né, Rê? - A gente chama, eles vêm sentar com a gente...conversar. Vêm para a "Live". Porque para eles.... O que é que um autor quer? Ele quer ser lido. E quando ele vê essa turma de 14, 15, 16 anos... Essa turma leu coisas que você não imagina, né? Começou com "*Cidades Invisíveis*" do Ítalo Calvino, leram *Jarid Arraes*, mas também leram *Americanah*. Sabe? Então, assim: É uma coisa. Eu te convido a olhar o "*Vozes Daqui*", de Parelheiros. Talvez, depois, a Renata poderia te passar. - Os que são de Literatura, Re. - Porque o "*Vozes Daqui*" têm várias coisas. Mas alguns... O do "*Ensaio sobre a Cegueira*". A nossa conversa sobre a obra. A discussão de *Afrofuturismo*, com o Kim Dread: uma coisa incrível. Porque é um livro que eu jamais leria, se eu não estivesse com eles. Porque eu e a Val, a gente participa direitinho. A gente lê, a gente discute. Está lá. Nós construímos um processo democrático, de participação, dentro desse Clube de Leitura. Ninguém pode chegar sem ter lido. Ninguém pode sair sem falar. Então, tem um rodízio. Antes, quando era presencial a gente tinha um saquinho com os nossos nomes. E, aí, um ia chamando o outro. E todo mundo tem, no máximo, 3 minutos para falar. A primeira rodada - o que a gente achou do livro; a segunda rodada - a gente lê um trecho. E na terceira, a gente pode discutir. Mas ninguém interrompe quem está falando, porque é um espaço para que a gente construa esse lugar da palavra. Todo mundo tem o que falar sobre um livro. O livro, ele só é, depois que a gente leu e conversou sobre ele. A revista *Viração* - Você conhece a *Viração*, né? -. foi uma construção coletiva. A Renata escreve sobre Conceição Evaristo, na revista. Foi você, né Rê?

M3: Foi. Eu escrevi sobre a experiência.

M1: Sobre a experiência, né? Nós fizemos uma oficina de escrevivência com a Conceição Evaristo. Então, assim: Imagina as coisas que aconteceram com esses meninos e meninas. Ocupamos espaços na Paulista, para discutir literaturas que derrubam muros. Então, a *LiteraSampa*, a gente assumiu esse compromisso de democratizar, também, às instituições com as quais a gente se relaciona. A Celeste é uma professora de letras. Uma doutoranda da USP. A gente chamou a Celeste para fazer parte desse grupo. E todo mundo aprende, né? A gente aprende com ela, ela aprende com a gente. A mesma coisa com a FESPSP. Nós fizemos um seminário na sua universidade. Um seminário *LiteraSampa*. Porque essa é a ideia: Cada vez a gente faz num lugar. Porque quando você pede emprestado um espaço, as pessoas precisam conhecer quem nós somos, o que é que a gente faz. E a gente também aprende. Todo mundo, aqui, vai aprendendo a escrever e-mail, a escrever carta, a apresentar proposta. Tudo, assim. A gente trabalha essa democratização, nos mínimos detalhes. A Duda, mesmo: A primeira vez que ela foi escrever para o Cuti, ela falou: "Meu Deus, eu vou escrever!" - Então, eu fiz um documento em que eu conto como eu me preparo para mediar uma mesa. Então, assim: Eu não sou professora de comunicação, nem de mediação. Mas eu falo "Olha, eu faço assim.". Eu vou olhar quem é que está na mesa. O que é que essa pessoa escreve. Eu primeiro pego o tema e começo a ver tudo o que eu entendo. Aí, eu fui colocando, e isso virou um material para toda a Rede. E aí, a gente decidiu ...- Por exemplo: A Ju, eu não sei quem mediou o encontro da Ju Borges - Mas toda vez, principalmente quando os encontros são internos, uma pessoa nova faz a mediação. Porque a

gente falou: "Qual é o nosso espaço de errância?"; "Na nossa Rede.", que é em quem a gente confia. Aonde é que a gente pode errar? É com a gente. Como é que você vai aprender? É com a gente. Então, vai tremendo, mas vai. - Né, Valzinha? - Você levantou a mão e eu não parei de falar.

M2: Não! Imagina. Era só...Quando você trouxe essa questão desse processo da aprendizagem, da própria gestão compartilhada, também, dentro dessa ação do *Literatura e Direitos Humanos*, a gente tem, também, bem concreto, né? - o primeiro seminário. Nós fizemos dois seminários. E o primeiro fomos nós, da Gestão, né? A Equipe que preparou, que pensou esse seminário. Que convidou. O segundo, a gente nem... A gente só foi de convidado, para sentar, lá, e participar. Quem construiu todo o seminário foram os jovens. Então, a gente vai sentindo esse processo. E é muito isso que a Bel traz. É onde a gente vai testar, onde a gente vai experimentar, onde a gente vai errar. E fazer e refazer e aprender, é dentro da nossa casa. Dentro desse espaço, que tem gente que tem mais experiência nisso, tem gente que tem mais experiência naquilo. E é o lugar em que a gente se sente em casa para poder aprender. Para poder errar e fazer de novo. Então eu acho que essa experiência na gestão compartilhada da Rede *LiteraSampa*, a gente leva para as organizações. Algumas já vieram das Organizações, que foi o caso do IBEAC. Que trouxe como experiência para a Rede *LiteraSampa*. E isso se amplia na Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias. E dentro - tanto da *LiteraSampa*, quanto da Rede Nacional, a gente tem os GTs. Né? Que é um espaço, também, para falar: "Olha, essa Rede precisa caminhar. Como é que a gente se organiza diante de tantas demandas, tantas frentes, de tantas ações para fazer essa Rede caminhar?". "Olha, a gente precisa de uma galera para mobilizar recursos, para ir atrás de editais. Quem topa?". E sempre tem os corajosos, aí. Acho que quando a Rê fala assim - "Fui lá. Não sabia muito, mas entrei lá. Fui participar. Já estava no processo, mas fui aprendendo", a Rê é uma que chamou as outras, mais velhas, para ir junto, né? Uma jovem teve coragem de assumir esse lugar de: "Olha, eu tô.". As outras vieram juntas. Então, acho que um vai encorajando o outro, também nesse sentido. E, aí, tá ali chamando: " Gente! Olha! Tem isso aqui. Vocês acham que cabe?". Né? E, aí, a gente foi constituindo esses GTs, que é uma forma de fazer a roda girar, né? Então tem gente que tá há mais tempo na Casa. Conhece algumas coisas, porque foi aprendendo no processo. Mas não significa que o outro não pode chegar com novas ideias e fazer essa roda girar diferente. E isso dentro da Rede, do micro, né? Que não é tão micro - né? - que é a Rede Local - E indo para a Rede Nacional, essa representatividade. A gente precisa estar nos espaços para ter voz. Para ter fala. Para sugerir, para criticar. Para se colocar. E para fazer. Né? Então, é uma aprendizagem coletiva muito importante, dentro daquilo que a gente faz, né? E aí é tudo, né? A gente tá falando da Rede *LiteraSampa*. Aí tem essa ação específica, né? - Esse Projeto específico, do *Literatura e Direitos Humanos*. - que é um Projeto que é da Rede, que os jovens tão aí, fazendo acontecer. E caminhando. E quem pode, chega e faz junto. Então tem sido um processo muito bonito, de construção. E esse lugar de fala. Tem horas que a gente fala assim: "A gente não vai lá, mediar mesa, não. Quem vai é um jovem do *Literatura e Direitos Humanos*". E, aí: "Aí, tenho dúvida nisso. O que é que a gente ..." - Né? Aí, a Bel vai lá e dá o exemplo. Ela: "Eu faço assim".- É uma inspiração, né? - Para a gente poder fazer... Olha, se a Bel faz assim e tem funcionado - né? - Bora lá aprender, para fazer assim também.

Ou fazer do meu jeito, a partir da experiência do outro. Então, acho que é uma joia, né? - O pensar coletivo. O pensar e fazer coletivo.

M1: Parece que era legal, também, contar como é que a gente faz a compra, né? E a seleção. Porque você é da Equipe de Seleção dos livros de doação, né, Valzinha? Que eu acho que foi uma pergunta que ele fez. A gente vai viajando. Francisco, você deixa, a gente vai indo.

M2: É. Se deixar a gente vai embora, né? Eu falei no começo- que tava todo mundo tímido: É assim, ó! Faz uma pergunta que a gente vai embora. - Era só para disfarçar. Mas acho que são duas coisas, né? A gente tem... 1- Quando tem um financiamento de algum parceiro, né? E a gente tem: 2- A possibilidade de colocar a compra de acervo. As Bibliotecas começaram... - Lá no começo, com o Instituto C&A. E tinha recurso para a gente montar as Bibliotecas, né? - Algumas ainda não existiam. Então..., né? - A Caminhos, por exemplo, foi feita a lista. E foram os jovens, junto com a Bel, com a Vera, com a mediadora na Livraria comprar. - Né? Que foi até uma questão importante, né Bel? No processo. - Porque o pessoal da Livraria: " Pode mandar a lista que a gente manda os livros". E a gente falou: " Não. A gente quer que os jovens cheguem nessa livraria e escolham os livros, né? Então, é um processo, também, de formação e de desenvolvimento. E era bem no começo da Biblioteca. Hoje, quando a gente tem a possibilidade de ter recurso para a compra, essa compra também se faz de forma coletiva. Sempre olhando para a comunidade. Né? Então: Quando a comunidade vai até a Biblioteca e procura um livro que não tem. Aí, pede para o mediador: "Aí! Se conseguir compra? Que eu gostaria muito de ler...". - E a gente vai colocando... fazendo essa lista. Também a partir do que a gente conhece da comunidade. E os desejos da comunidade. Mas também a partir dessas referências que a gente vai buscando, né? - Então se a gente conhece um autor, a gente busca olhar - né? - Essa questão muito política que a Bel trouxe. Por exemplo: da Literatura Indígena, e da literatura escrita por... de autoria negra. Então... Como é que a gente olha para esse acervo também? É um acervo que tem uma bibliodiversidade? Ou é um acervo que só tem conto? Só tem livros Europeus? Ou só tem... né? - Então, a gente olha para tudo isso para pensar esse acervo. E, aí, quando tem a possibilidade de comprar, a gente faz essa construção também. Da Rede. A Rede indica. A Rede constrói uma lista coletiva. E a gente vai vendo a possibilidade de compras.

M1: Tá até acontecendo nesse momento, né? A Zenita mandou, hoje de manhã. Eu vi, de novo: "Gente!" - Então vai um link, lá, desse Google Drive, que elas adoram. E, aí, fala: "Ó! Manda aqui. Indicação, né?". - Eu vi hoje de manhã no grupo.

M2: Verdade. Porque é isso, né? Às vezes.... A Bel tem participado de ... Tem indicado vários livros, aí. Lendo os livros. Indicando. Participando de um monte de coisas. Então assim: Como é que a gente vai buscando essas referências e pensando nesse processo, nosso, né? - Quando a gente começou, lá atrás? E hoje? - O tanto de questões que a gente traz para pensar esse acervo de qualidade, também. E diversificado, dentro das Bibliotecas? Então, essa construção, ela vai se construindo... E, aí, às vezes assim: "Ah, o IBEAC tem experiência com jovens: " Que livro vocês indicam para ter na nossa Biblioteca?". Então, a gente vai trocando entre a gente. E, aí, quando são livros de doação... Porque no começo, era muito assim: "Olha, a gente tem uns livros para doar.". - E aí chegava na Biblioteca com

caixas e caixas de livros. E aí, quando abria, caía para traz, né? Porque, aí, eram livros didáticos. Livros faltando página. Livros... Enciclopédias. E aí, Né? - Ah.... Agradece, né? - Você vai falar: " Não. Não quero."? - E faz a pessoa levar de volta? - Então a gente agradecia. E o que fazer com esse material, que não é um material que a gente quer na Biblioteca, né? Porque ... Por que é que a gente vai querer um livro faltando... A pessoa tá, lá, empolgada lendo.... Aí, chegando no final, não tem final porque não tem página, né?

F: É.

M2: Ou o livro tá rasgado. Tá destruído. Então... A gente foi construindo, também, critérios para receber os livros. Porque não é porque é uma Biblioteca Comunitária - E a comunidade, às vezes, não tem outro espaço de biblioteca, não tem o acesso - que a gente vai oferecer qualquer coisa: " Ah. Pelo menos a gente tá oferecendo livro.". Não. "Pelo menos", não. - A gente vai oferecer o melhor. Então, quando a gente fizer a lista de compras, a gente vai fazer o melhor. A melhor lista. Quando a gente chamar um autor, ou uma autora, a gente vai buscar aquilo que tem a ver com a identidade daquela comunidade. E a gente foi construindo isso. E aprendendo. Hoje chega ainda, às vezes, alguma outra coisa que não dá para a gente colocar? Chega. Mas, aí, a gente tem um diálogo legal também, com as pessoas. E para que as pessoas entendam: " Olha, aqui, é um lugar em que a gente quer oferecer o melhor para a comunidade.". Então, os melhores livros vão chegar. Não adianta chegar o livro faltando página. Ou livro riscado. Porque, assim: Por que é que a gente vai oferecer isso daqui para essas pessoas, né? Então eu acho que tem sido um processo.... E, aí, quando chega, a gente faz também.... - Às vezes chega do IBEAC, né? - Os livros, para serem distribuídos para a Rede. Aí, vai 1 representante de cada biblioteca. Para a gente separar junto. Selecionar. E aí, muito, olhando, também, para o que a Bel falou no começo. Do recurso, né? É igual para todo mundo? De repente, a biblioteca da Caminhos tem muito livro de literatura infantil. E a Flos não tem. Então: "Olha, dessa vez vai "X" para a Flos e "Y" para a Caminhos. Não precisa dividir igualmente. Então a importância, também, de todo mundo estar nesse processo. De olhar os livros. De selecionar. De ver se aquele livro cabe para alguma biblioteca, né? Se faz sentido. E acho que é um pouco por aí, também, o que a gente tem feito, aí, pensando nessa construção desse acervo. Que ele é diversificado. Que ele tem qualidade. Né? Que a gente pensa com muito cuidado e carinho para os leitores. E àqueles que ainda serão leitores. Né? Principalmente.

F: Olha, a gente chegou... Eu ainda teria 1 pergunta. Mas a gente tá no horário, né? Deu 17:15.

M1: Não. Mas dá para fazer. Eu preciso sair 22. Porque eu tenho o teste da Feliz. Com o Pixote, inclusive.

F: Não. Mas então...

M1: Não. Mas faz a pergunta. Ainda tem 6 minutos.

F: Eu ia perguntar assim: Que é um lance bem de Gestão, na real: Vocês têm um controle do que sai? - Através do Sistema? - Eu não sei... Vocês têm um Sistema Informatizado, né? Você falou que não é todo mundo que usa o Alexandria. Mas tem o Alexandria que... que vai. Aí, vocês conseguem ver, pelo Sistema, o que é que a galera gosta de ler? Eu penso isso, assim. Eu sou só um estudante, meu. Mas,

assim: Tem 2 coisas, eu acho, na construção de um acervo: A gente tem que dar aquilo que a galera quer ler. Mas, às vezes, tem umas coisas, também, que vêm de fora, né? Que você não conhece. E acaba descobrindo. E é bom, né? Aconteceu comigo, em biblioteca assim, sabe? - De você pegar um autor e "Ah... Não sei o que é.". E: " Ah! Que lindo" - Sabe? E.... Rola isso? Como é que é? Vocês tem uma noção, assim, do que a galera gosta de ler? Eu lembro, por exemplo, na biblioteca da escola que eu trabalhava... Era super chique, a escola, sabe? Eu trabalhava numa.... Eu era estagiário no

F: Beit Yaakov. Que é a escola da filha do Safra. Então, dinheiro...tipo.... Então eles tinham 3 bibliotecas: Tinha a dos pequenos, a do Fundamental e tinha do Ensino Médio. Eu trabalhei ...Eu estagiei, meio que nas 3, assim. No Ensino Médio, saía muito.... Sabe Young Adults? "Young Adults", eles falavam, né? - em inglês - Que era tudo meio... Sabe essas literaturas: Aí, meu... Tipo: " Diário de um Banana.". Sabem essas coisas assim? Que é, assim... Mas é bom, às vezes, que serve de impulso para uma pessoa começar a ler. Rola isso? Como é que é? No acervo, assim? Essa percepção do que é que a galera gosta de tirar? Né? É... Tem isso? Você acham que é através do Sistema, ou que é uma coisa mais intuitiva? Eu super confio na intuição das pessoas. Eu acho que não tem nada de errado...

M1: Eu acho que a Re devia contar um pouco como é que é no Grupo, né? Porque eles lêem: Desde ter começado a ler por "Cidades Invisíveis"...

F: "Cidades Invisíveis" é...

M1: Assim: Quem conhecia "Cidades Invisíveis"? Da turma?

F: É. É alta literatura, né?

M3: Eu lembrei, aqui, de alguns processos que eu acompanhei na Flos, né? Na Biblioteca, assim, das crianças. As crianças e os adolescentes, eles buscavam muito essa obra, especificamente, por exemplo. Eles tinham. A gente tinha, né? Completa. De doação também. Eles procuravam, muito, quadrinhos também, né? Eu falo, assim, de umas experiências meio aleatórias porque eu tive... Foi um processo que foi acontecendo um atrás do outro. E é recente. Logo depois, a gente entrou na Pandemia. Mas, aí, eu vou lembrando as experiências. Enquanto eu tava fazendo mediação online, por exemplo, a turma que eu cuidei: os jovens, eles pediam muito literatura de terror, por exemplo. E, aí, eu fui descobrir. Eu não lia terror. E aí... Eu não lia muito, né? Para mim foi bem... Foi novidade, assim. E eu pensando: Como é que eu vou fazer uma mediação voltada para uma temática que eu.... - tinha um certo receio, assim, né? De mediar. Não tinha muita experiência. Mas foi bem interessante, assim. Os encontros, eles foram pelo Meet. É ... Eles pediam. Eles sentiam mais vontade - por exemplo- dessa troca aqui. - Porque pelo Whatsapp, por mais que a gente fizesse mediação por vídeo, ou mandasse um áudio.... Era um formato que a gente poderia escolher. Era o mediador e esse grupo. Mas, aí, eu pensei: " Putz, eles não estão me respondendo, aqui". Porque... São várias questões, né? O começo de uma Pandemia. Lidando com diversas realidades, aí, que eu não tinha condições de saber, porque eu não estava, ali, vivenciando essa realidade com eles. E, aí, eu sugeri: " O que é que vocês acham da gente fazer pelo Meet?" - O outro educador estava fazendo as atividades dele pelo Meet. E ele percebeu que funcionava. E toparam. E o que eu mais escutei foi: " Aqui, a gente

tem mais espaço de fala. Aqui a gente consegue trocar sem se sentir tão travado. Eu falei: "Caramba! Olha lá!" - Né? - E a gente ficou um tempo... Nesse tempo que eu acompanhei, que eu estava na Biblioteca. Eu fiquei um tempo fazendo assim: Fazendo uns convites. Eles produziram também - pelo Canva, né? - as artes de...do que eles iam... Nesse ano: a mediação de Terror. - E essa escrita também, né? "O que é que vocês perceberam desse conto hoje?"; "Que conto vocês querem trazer?". Então, é o que eu vivenciei com eles, né? No Literatura e Direitos Humanos, a gente... Por mais que role - às vezes a Duda M3: brinca, né? - "Ah não fala de Cidades Invisíveis" - Ela falou no nosso último encontro. Na terça-feira passada, - "Ah, essa dificuldade de ler, de entender esse autor". - Mas eu acredito que todo... Eu falo por mim também, principalmente, né? - Mas acredito que todo grupo, por mais dificuldade que tenha de reconhecer essas narrativas, ainda assim quando mergulha e tem esse espaço de prova, um escutando o outro. - E principalmente a Celeste, também, Bel e Val, - a gente começa a curtir e se permitir. A gente tá num momento, agora, de estar disponível para essas obras, sabe? Para esse... Depois eu posso passar, também, a lista de textos que a gente tem lido. E principalmente aqueles que a gente fala que é mais desafiador. Né? Ítalo Calvino foi. O último... Esse que a gente está lendo agora, o mais recente é "As Meninas", da Lygia Fagundes Telles. A gente encontra também uma certa dificuldade. Eu posso, depois, organizar essas informações e compartilhar. Mas, é... O grupo está muito disponível e aberto. Sabe? A vivenciar essa experiência. "Não. Eu tô disposto a ler. E eu quero entender o que está acontecendo. Eu quero entender o porquê é que essa autora conduz a narrativa dessa maneira." - Né? A gente tem sido provocado, assim, pela Celeste. - Por todo o Grupo. Mas principalmente por ela de: "Vamos observar, agora, além dessas impressões que essa obra deixa na gente, por que é que esse autor, ou essa autora, está escolhendo esse caminho?" Essa narrativa? Né? Essa escolha de palavra. E contexto e etc. Então é isso, assim. Não sei se responde. Acho que é uma pergunta...

F: Acho que se eu entendi bem é mais uma coisa diálogo. Isso acontece no diálogo.

M3: Sempre. Escuta sempre.

F: Mais do que aquela coisa gélida, estatística: "O que é que sai? O que é que sai? Do que precisa? Qual o perfil?" - Do diálogo. Uma construção mesmo.

M3: Isso.

F: Ah, eu acho lindo.

M1: É... Eu queria acrescentar uma coisa. - E eu vou ter que sair, mesmo. Porque senão os meninos, lá, vão ficar preocupados. - Eu acho que tem uma coisa, Francisco, que a gente foi aprendendo, né? - Na Rede LiteraSampa. É... Que existe um lugar, né? Do Direito, né? E, aí, eu posso citar de novo o Paulo Freire, ou o Antônio Cândido. Quando o Paulo Freire dizia - né? - que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, ele trazia a democratização da palavra, né? A gente não diz que a leitura do mundo fica para uns, e a palavra para outros. Porque seria uma visão muito segregadora achar que uma menina como a Renata não vai entender Calvino. Não vai entender Lygia. Não vai... Não! Então: "Isso aqui não dá para ela.". - Então a gente enfrenta junto. A gente pega na mão. E acho que... Como é que a gente tem feito isso nas Bibliotecas, né? - Os eventos literários que a

gente faz, são eventos - né? - de transformação de leitores. Quando a comunidade vem para um Sarau para se encontrar - né? - com a Dinha, com a Fernanda Miranda. - Pesquisadoras de Carolina - conversando sobre a obra de Carolina, com a qual eles já se encontraram.... Por que não? Por que é que isso vai acontecer só com a gente? Que chegou na Universidade? A gente leva e fala: "Essa conversa é para todo mundo". Nós vamos ter 60 pessoas da LiteraSampa visitando a exposição de Carolina Maria de Jesus. Eu tive a felicidade de estar, lá, no Comitê Curador. Trazendo o nosso M1: olhar, de Bibliotecas Comunitárias, para o Instituto Moreira Sales. E falando: "Olha! É aqui. É essa foto. É esse texto. É essa imagem.". Então...Isso, da gente conseguir fazer também. É ter coragem, né? De aprofundar as discussões, né? Em Parelheiros, que a gente tá há 12 anos juntos, né? - A gente fica muito emocionado vendo os meninos e meninas fazendo as mediações de leitura. Porque a gente lembra como eles eram. - Não eram leitores, - há 11, 12 anos atrás. E, hoje, né? Bruninho, Kathleen, Sidnéia, né? Que a Renata conhece toda essa turma. Então, eu acho que é essa coragem que a gente tem que ter - né? - de pegar na mão das pessoas e falar: "Vamos junto.". Por isso que no nosso clube todo mundo tem que falar. Ninguém é ouvinte. "Ai, hoje eu vim aqui só para escutar.". Não existe. Porque você leu. A gente quer ter o direito de entender essa literatura pelo seu olhar. Então, é esse exercício democrático da troca. Mas quando você fala - né? - de acompanhar quais são os livros que saem mais, ou saem menos, o Sistema permite fazer isso. Algumas bibliotecas fazem mais isso do que outras. Claro que aquelas como o Instituto Criança Cidadã, que é uma Instituição que trabalha com ação complementar, eles têm isso muito mais facilitado. Porque tem o dia que a turma do circo entra para pegar os livros. Eles fazem o empréstimo registrando. Tem bibliotecas que fazem isso no caderno. Mas a gente tem, né? E, aí, eu juro que é a última coisa que eu vou falar: Dentro desse exercício democrático e de conhecer o que as pessoas tão lendo, a gente tem o exemplo da Caminhos da Leitura, que acabou de perder o seu espaço - né? - A gente ... É a nossa biblioteca, dentro de um cemitério Na Casa do Coveiro. E o Cemitério resolveu, em plena Pandemia, ampliar a área de sepultura. E, aí, além de receber a notícia com absoluta tristeza, a gente começou a se encontrar e pensar assim: "O que é que a gente vai fazer para que essa comunidade não perca esse espaço?" - E, aí, a gente foi levantando possibilidades. Tudo para não colocar os livros nas caixas. E, aí, a gente decidiu: Nós construímos - as costureiras do bairro - né? - produziram 500 sacolas. E em cada sacola são colocados 10 livros. E quem vai ser o guardião dessa biblioteca é a própria comunidade. É uma ação que chama " Eu guardo. Eu aguardo a Biblioteca Comunitária Caminhos da Leitura". E cada família guarda 10 livros. Que elas podem, depois, trocar entre elas. Isso fez os jovens reorganizarem o acervo. Porque, assim: Ninguém chega e fala assim: " Ah! Eu queria ..." Poucas pessoas vão chegar e falar: "Ah! Eu queria literatura indígena.". Faz o que a Re falou, né? - Eu quero livro de terror. Livro com dragão. " Ah. Eu quero livro para criança, para ajudar a dormir". Então, eles estão reorganizando os livros. Se eu quero, assim: "Ah. Eu queria só literatura que fala de amor.". - Tem sacola só de amor. Aí tem literatura infantil, que fala de amor. Tem poesia que fala de amor. Tem romance que fala de amor. Então, essa proximidade com a comunidade, ela vira essencial. E, aí, então, assim: "Ah, eu queria livro que ensina a amar" - É isso? Aí você pega e enfia, lá dentro, - né? - um Manoel de Barros. - Falando das suas maluquices todas. E fala..., Mas aí você conversa, né? - Com aquela pessoa, sobre aquele livro. Então tem, né? - A gente pode pedir, se você tem interesse em algumas comunidades, as bibliotecas podem

te dar. Quais são os livros que mais saem. Mas como é que você pensa os eventos para trazer outras reflexões e contribuir para que essa comunidade acesse outras leituras? Gente, desculpa pular de link: Eu só queria falar assim: Foi muito bom. Porque, aí, a Val ainda pode falar mais um pouquinho, Re. Te encontrar... A gente continua conversando. Eu acho que talvez para uma outra abordagem, seria interessante conversar com a Ju. Né, Val? Com a Júlia. Que é do Plano Municipal do Livro e da Leitura. A gente pode ver ... A Val sabe tudo o que está no drive. A gente pode ver o que é que pode ser interessante compartilhar com você. Eu falei do caderno do Plano - aquele que eu tenho que terminar - que conta a história do Plano. Mas tem uma dissertação de mestrado que conta. Porque fomos nós que começamos o processo do Plano da Cidade de São Paulo. Ninguém queria começar. A gente começou. E, aí, a Júlia que é uma jovem, bibliotecária, entra para ser a nossa representante. E eu acho que é muito interessante falar como foi esse processo dela, né? - De encorajamento, também. Acho que é isso.

F: Eu ia ficar super agradecido de ouvi-la. E eu agradeço a vocês, a disponibilidade para estarem aqui comigo. Para me ajudarem. E eu fico muito feliz de...

M1: Imagina.

M2: A gente fica superfeliz. A gente tá muito feliz também

M1: Só tem que, depois, vir conversar com a gente. Para falar da dissertação. Mas a Val queria falar alguma coisa.

F: É só uma monografia. É só uma monografia.

M1: É uma monografia. Só. Por enquanto. Só uma monografia. Tá bom.

M2: Só. Depois, vai se encantar. Vai fazer mais coisas. Vai ficar tão mexido... Não. Mas rapidinho. Mais 10, 15 minutinhos.

M1: Eu vou, ali, com o Pixote. Tá bom, gente?

F: Tchau, Bel! Obrigado!

M2: Tchau. Beijo!

M1: Tchau, tchau.

M2: É... Rapidinho também -Francisco - Porque eu não sei se você tem mais alguma pergunta. Mas só ainda nessa pergunta do acervo: Porque eu acho que tem gente que chega sem, muito, saber o que quer, né? Assim: E, aí, você tem uma oportunidade de trazer muita coisa boa, né? E eu acho que... A gente sempre fala assim: Não tem critério: "Ah, não você..."- Né? - Que a gente tem as discussões. De: "Ah, não. Esse aqui é clássico. Não. Não vai ler isso aqui não.". "Esse não vai ler". - Não. Deixa... As pessoas têm direito de ler - né? - o que querem. Se achegar. E, aí, a gente - nesse lugar- proporcionar essa ampliação. Eu lembro muito de uma... Bem no comecinho - né? - dessa nossa atuação, como ... - Nem era Rede, ainda. - Eram as bibliotecas individuais e a gente tinha as assessorias. E aí uma assessora chegou - né? - Aí, olhou a Biblioteca. Aquele processo que eu falei que a gente faz, né? - Quando a gente vai no espaço do outro. - E é tão rico, né? - A gente se sente tão... É um grupo que pode decidir as coisas, que a gente fica à vontade para falar assim: "Olha, Re, lá na Caminhos, a gente tem colocado disposto o acervo assim.

Tem funcionado. O que é que você acha dessa estante?" E a Re vai decidir se ela quer, ou não. Mas a gente se sente à vontade e com liberdade para falar. - E, aí, a assessoria também tinha esse olhar. De olhar a mediação de leitura, olhar o espaço, olhar o acervo. E, aí, eu lembro de uma provocação que ela fez, que era assim: "Por que é que esse livro, aqui, ...- Né? A gente tinha os livros na estante, assim. Mas alguns de frente, né? Porque esse é o autor do mês, ou da semana. A dica e tal - E aí a gente: "Ah, porque ... Ah! Porque a gente colocou esse." - Não tinha muito critério, né? - E, aí, ela fez um monte de perguntas que fez a gente pensar e mudar esse jeito de colocar esse livro, na frente. Então, eu acho que uma das coisas que... quando a Re fala do grupo, que gosta de história de terror. Ou grupo que gosta disso ou daquilo, acho que tem uma questão que é muito bacana, nas Bibliotecas Comunitárias, que é essa proximidade com o interagente, né? Que é como a gente chama esse público.

F: Uhum. Pode crer.

M2: É. Porque, aí, a gente cria vínculo. Cria afeto. Porque, aí, as pessoas vão lá, pegam o livro e a gente conversa sobre o livro, né? Então, de uma certa forma, tem o Sistema que eu acho que superajuda, porque é um monte de gente. Mas tem esse olho no olho, que aproxima. Então eu sei que a Re gosta desse tipo de livro. Né? Porque eu converso. Porque ela sempre pede esse tipo de livro. Então, assim: " Ah! A Re pede livros, sempre - sei lá - do Harry Potter. Ah, ela gosta do Harry Potter." - Só que uma hora vai acabar os livros do Harry Potter. E, aí, ela vai embora porque não tem mais livro do Harry Potter? Como é que eu posso apresentar outros títulos, que tenham esse jeito, esse tipo de história que a Re gosta? E, aí, você vai apresentando outras coisa, né? Quando a gente fala do Literatura e Direitos Humanos, não foram os jovens - né? - que escolheram. Hoje, eles escolhem porque tem aquela lista de 50. "Ah, agora a gente quer ler esse." Ou: "Ah, a gente não sabe. Indica aí, Celeste.". Aí, a professora vai lá. E: "Olha, esse aqui linca com esse. O que é que vocês acham?" - Né? E vai fazendo essa ponte. Então eu acho, também, que a gente enquanto mediador - mediadoras de leitura - a gente tem esse papel, né? Pode ser... Pode ser, não. - Eu não vou gostar de todo o acervo. De todos os gêneros. Né? De todos os autores. - Porque é isso. Né? Ninguém vai gostar de todos. Mas eu vou respeitar. Então, se a Re gosta desse, como que eu me adapto? Como que eu busco, também, entender e conhecer para apresentar e oferecer esses para a Re? E outros, na mesma linha? E outros, que às vezes nem são da mesma linha, mas eu conheço a Re tão bem que eu posso dizer: " Olha. Eu acho que esse aqui ela vai gostar." E, aí, a minha propagando, a minha sedução para que ela leia aquele livro vá acontecer. Né? Então é muito isso. Eu queria contribuir nesse sentido. Porque eu acho que quando você pergunta - É muito legal, isso, né? - "O que é que as pessoas gostam de ler?" - não é porque assim: "Ah, coitados, só vão ficar lendo terror." - Mas: Eu sei por que eu conheço também.

F: Pode crer.

M2: E eu posso, de uma certa forma, criar e aumentar essa relação. Esse vínculo. E até ir entendendo assim: "Ó, eu não gosto disso. Eu não gosto daquilo". Que outras histórias vêm também, né?

F: E ... Renata, eu não sei como é que você está. Quer... Você tem mais alguma colocação?

M3: Não. Enquanto eu escutava a Val, falando sobre esse processo, me veio muito a palavra "escuta", mesmo, né? Dessa conexão com essas pessoas, né? Com esses jovens leitores. Essas crianças. Porque, às vezes... Como é que a gente atrai? Chama a atenção para esse espaço, né? E, aí, o que aconteceu é que para mim foi muito rico esse processo de ouvir o que eles gostariam de ler. Como eles gostariam de conduzir o encontro, por exemplo. Porque - né? - " Ah, essa estratégia não funcionou. Mas essa aqui funcionou." E a partir dessa.... Dessa leitura, aconteceram outras produções. Né? Escrita. É... Produção de um vídeo. Esse é um exemplo do que eu vivenciei, né? Então... É... Como, para mim, é importante, sim, indicar outras obras. A gente pode ir criando essas redes, né? Mas que a partir dessa escuta, eu vou me conectando mais com esses jovens e com essas crianças. E eles vão me contando mais sobre eles. Sobre o processo deles. Então: Como eu leio. Se eu tô lendo para alguém em casa, ou não. E o que é que eu gosto de produzir- né? - a partir disso, né? Nossa. São milhares de possibilidades, né? Dentro dessa experiência foi o que eu percebi, né?

F: E vocês fazem laboratórios de escrita com a galera também? Assim....Eu acho que a Renata tinha falado algo sobre isso. Que vocês escrevem também. - Ai, que lindo, meu.

M3: Sim. Sim. No Projeto de Literatura e Direitos Humanos, sim, escrevemos. Tivemos a Oficina - né? - Com Conceição Evaristo. É... De escrita, de escrivência, né? Na Rede LiteraSampa, às vezes, antes de eu começar e já tá, né? - Nesse processo. Eu achei que meu microfone estava desligado. Não tá, né? - Eu falei: "Nossa".

M2: Não. Não tá. A Neide também, né, Re?

M3: Neide. Neide Almeida. Verdade.

F: Neide Almeida. Eu vi os vídeos dela. Eu sou muito ignorante. Estou conhecendo um monte de coisa, assim, na realidade. Através desse trabalho. Mano: Geni Guimarães... Eu não conhecia Geni Guimarães. Que coisa absurda!

M2: Mas você sabe, Francisco, que eu acho que é isso, né? Esse espaço, né? Porque, por exemplo: quando a gente fala dessa lista, desses livros, aí - de Literatura e Direitos Humanos. - Eu acho que se a gente não tiver.... Eu não vou falar "a gente ", não. Eu vou falar "eu", né? Eu vou falar de mim, agora. Esse grupo, essa provocação.... É... Cada encontro que a gente tem com esse grupo, com os jovens: eles trazem tantas questões que a gente fala assim: " Caramba!". " Que tudo, isso", né? Quando a Re começou a falar da Duda - né? - com o "Cidades Invisíveis"- No último encontro começou a manifestação no chat, lá, de: "Ah, não. Eu tenho que ler esse livro. Você está falando tanto dele.". E ela tava falando assim: " Não. Pelo amor de Deus, não vamos falar mais dele. Eu fiquei traumatizada". E o pessoal: " Ah, agora eu vou ler. Eu preciso ler.". Então, assim: É um jeito também de você provocar o outro. E eu acho que se a gente não tivesse, também, esse movimento de estar junto, muitos livros que estão nessa lista, de repente, hoje, eu ainda não teria acessado. Então, eu acho que: Que legal, Francisco, que você está se chegando, que você quis olhar, também, para essa história das Bibliotecas Comunitárias. Das

coisas que a gente tem feito. Porque eu acho que é um espaço - Eu lembro: Eu trabalho com teatro, né? Eu tenho um grupo de teatro. - Com jovens, também. E, aí, um dos jovens me falou uma vez: "Val, acho que se eu não tivesse fazendo parte desse grupo, eu não conheceria esse lugar. Eu nem saberia da existência deste tipo de evento. Dessa literatura.". - A gente foi para uma carreato poética em homenagem à Carolina Maria de Jesus, aqui, em Parelheiros. - E ele falou assim: "Se eu não tivesse M2: aqui, eu acho que eu não teria possibilidade. Eu não teria acesso.". Porque a gente acaba vivendo em um outro mundinho, assim, né? E como abre isso? Então eu acho que fazer parte disso nos abre - né? - Abre a nossa janela para a gente olhar para outras coisas. E viver outras coisas. Em Parelheiros, a gente escreveu um livro. Que é: "Sobre Rua Adotada", que é um projeto que a gente tem de fazer atividades na rua com as crianças. De adotar as ruas para as ruas adotarem as crianças. Então, a gente vai para a rua com tenda de livro, com mediação, contação de história. Pintura no muro, horta comunitária. Brincadeiras, teatro, dança. Enfim. Um monte de coisa. E nesse lugar, assim, de: "Ó! Rua é lugar de criança, sim.". - Né? De encontro, de vivência. De socialização. - Né? - A gente não vai tirar as crianças da rua e colocar dentro de casa, para ficar trancafiada. Só com a televisão e vídeo game. Enfim. - Claro que nesse momento, virou isso, né? - De novo - por conta da Pandemia, de uma certa forma. Mas eu acho que é ocupar esse lugar. E, aí, a gente escreveu as experiências que a gente viveu. E a gente fez um livro. E, aí, no ano passado a gente fez um outro livro, que é o "Nascidos para Ler no Melhor Lugar para se Viver" , que é pensando na primeira infância. Cada criança vai nascer com 1 livro. Né? Já nesse processo de formação de leitores. Então, eu acho que é isso. Você abriu uma janela. Tá super convidado para conversar mais com a gente, né, Re? E que passe logo essa Pandemia para você ir no espaço da Biblioteca.

F: Eu não sabia que tinha acontecido isso no Caminhos da Leitura. Que vocês tinham perdido o espaço. Eu ainda falei para minha mãe: "Olha que coisa linda, meu!" Que coisa viva, dentro do cemitério.". E , aí, então vocês vão coletivizar o acervo com o pessoal? - Oi? Renata? Perdão...

M3: Não. Essa campanha da Biblioteca Caminhos da Leitura, também tá no Instagram, né? Para saber mais...Como contribuir, como divulgar. - Né?

F: Eu vou olhar, com atenção.

M3: Para as pessoas terem conhecimento disso. Que é importante. Né? Também. Entender esse processo, né?

M2: É. E tá com a comunidade e com parceiros. Então, quem quiser uma sacolinha também. Ser guardião de uma sacolinha, é só falar que a gente vai organizar a entrega. Viu? Re... A Re tá por dentro, né? Francisco....

F: Eu... Olha, quando eu for à São Paulo. - Eu tô em Peruíbe. Eu tô morando em Peruíbe. Que é na Baixada Santista. Meu, aqui não tem nada, cara! De biblioteca. Nada. Nada. Nada. A Biblioteca, mesmo a Biblioteca Municipal, tinha... - Sabe? - o "Tesouro da Juventude"? ; o "Manual dos Escoteiros - Mirins" . E uns livros, assim... super em mal estado.

M2: Então. Ó, Quem sabe, eim, Francisco? Começar um movimento, aí, de juntar as pessoas para pensar em uma Biblioteca Comunitária? Ó..."tsc".

F: É, meu. Aqui eu acho que ia fazer uma super diferença. Porque jovem, aqui, não tem... A gente pensa no Litoral sempre como uma coisa feliz, né? Que a gente vai para férias e tal. Mas tem a galera que mora aqui. E a galera que mora aqui, é... No Caraguava, no Veneza... Eles, assim: Olha, aqui, em Peruíbe não tem teatro. Não tem, mesmo uma praça - sabe? - Agora inauguraram uma praça. A Praça Flórida. Que porém... Sabe? Tipo: Fica no Centro. E na realidade é uma ...uma praça de alimentação. Porque é super comercial, assim. Sabe? Tem os estandes. Com os restaurantes. Então.... Falta, muito, algo para as pessoas. - Sabe? - Não para o dinheiro. Para as pessoas. Que são a maior riqueza. Eu acho que riqueza é gente. Gente é riqueza.

M2: Sim.

F: Não tem.

M2: É. Eu acho que fazer um movimento, assim. É... Parelheiros, a gente começou com a Caminhos, né? E, hoje, a gente tem um Ônibus-Biblioteca, que ele fica fixo no bairro que é o mais distante, que é o Barragem. Que não tem nada. Tem uma linha de ônibus. Demora meia hora, 40 minutos para sair o ônibus. E super isolado. Tem uma escola que pegou fogo. Então um monte de coisa, assim. E a gente falou: "Gente! A gente precisa fazer alguma coisa. Então, a gente tem uma biblioteca na frente de uma escola que tem 2...2 escolas, dentro do mesmo prédio, que era da escola que pegou fogo. Aí a gente começou esse Movimento da "Rua Adotada". Então... Em frente à escola que pegou fogo, né? Porque está lá: A escola vazia. Não vão construir, provavelmente, nunca. E, agora, com horta comunitária. Então está tendo o movimento da comunidade, também, de estar junto. E os livros sempre caminhando junto. Então, bota uma algibeira, lá, na porta. Leva as crianças para a rua. E faz atividades. E, aí, hoje a gente tem mais um espaço, por causa das histórias, que é em um outro bairro. E foi uma solicitação da comunidade também: "A gente precisa de um cantinho... Para a gente se encontrar, para estar com nossos filhos.". E, aí, a gente montou uma biblioteca e uma cozinha comunitária, que é a Casa das Histórias. Aí, tem um outro espaço, agora, num outro bairro... Então, assim: a gente... Eu acho que tem.... tem...Quando a comunidade se sente parte também, começa um movimento, né? Mesmo que, às vezes, venha atrás da gente para: " Olha, como vocês fizeram isso? Dá para fazer aqui?" A gente falou: "Tá! Vamos lá.". E, aí, vamos fazer isso junto. Então, eu acho que é um movimento. E, aí, essa questão de não ter Espaços Culturais, né? De não ter nada.... Dá uma tristeza, né?

F: É.

M2: Então eu acho que a gente...É... Como é que a gente mobiliza as pessoas para pensar junto? Porque às vezes tem isso também, né? Às vezes a gente não sabe nem por onde começar, né? E, aí, sozinho a gente não vai conseguir. Mas se alguém começa e chama os outros, né? A gente... Quem sabe?

F: Olha, eu agradeço. Eu vou agradecer vocês. Eu também tenho que ir. Eu vou para a reunião do TCC. Eu vou falar de vocês. Renata, eu peço permissão - Como no TCC da Museologia são.... A gente vai falar de memória negra no bairro da

Liberdade, eu vou falar da Cultura no Quintal. - É... Eu tô longe, mas as meninas, em São Paulo... Porque é o curso da ETEC, lá do Parque da Juventude. Sabe? E a ideia do TCC que a gente vai fazer é uma exposição na rua. Vai ser um percurso, na rua, por espaços que foram apagados. Compreende? Porque, ali, era um bairro negro. Era ali. Tinha um chafariz na frente da igreja que tem ali. Você deve saber tudo isso que eu tô falando, né? Da Nossa Senhora dos Enforcados. Da Santa Cruz das Almas dos Aflitos e tal. Ali tinha um chafariz. E, aí, eu vou ver se as meninas podem ir lá... Vocês estão fechadas, né?

M3: Sim. Você fala, a Biblioteca? Da Associação?

F: É.

M3: Eles retomaram as atividades. Tão com as atividades, sim. Eu posso verificar como está o processo. Porque eu não tenho ido, né? Desde então, eu não tô atuando ativamente, lá, na Biblioteca. Mas eu posso perguntar como está esse processo. E te passar. Ou passo para a Bel e a Bel te fala. Como você achar melhor.

F: Ah. É que você não está mais lá, né? É verdade. Mas eu vou falar com as meninas, que eu acho que a gente vai querer ir

M3: É mais aí eu posso te passar o contato, por exemplo.

F: Tá bom. Eu agradeço. Você... Eu posso pegar o seu e-mail?

M3: Sim. Você quer que eu digite aqui?

F: Eu vou passar... Se te escreverem da ETEC, fui eu. Perdão. O que você disse? Desculpa.

M3: Se você quer que eu escreva, aqui, no chat, o meu e-mail. Ou eu posso...

F: Por favor. Que aí fica registrado. Tá gravando ainda. E, aí, depois eu acesso. E, aí, se as meninas aparecerem lá, você avisa o pessoal da Biblioteca que é a galera da ETEC. Que eu vou mencionar vocês, assim. Eu vou falar da Bel. - Né? - Eu acho, no TCC, desse trabalho. E tal. Porque eu acho que tem tudo a ver com o lance que a gente fala de enraizamento, de território. De memória. Né? E de... qual o contrário de silenciamento? Des-silenciamento, né? Dar voz a grupos. É isso, gente.

M3: Você me escreve por e-mail. E eu encaminho para elas: Para a Sueli, para a Renata, que tão cuidando da Biblioteca.

F: Tá aqui: renataerundina.sp@gmail.com.br. É verdade. A Bel tinha me passado, inclusive. É... Eu me senti muito acolhido. Muito obrigado. E até breve. Eu vou interromper a gravação. Eu não sei onde exatamente se faz isso. Porque eu nunca tô gravando.... Onde que se interrompe a gravação?

M2: Eu nem sei também, viu?

M3: Eu também não. Talvez naqueles três pontinhos, né?

F: Interromper a gravação. Achei.

M2: Dá maior medo, da gente...

F: Porque eu não quero desligar na cara das pessoas. Assim, sabe?

M2: Ô, Francisco. - Nossa! Total. - Mas eu queria agradecer também. Porque eu acho que para a gente, é muito bom esse espaço, né? De poder compartilhar as coisas que a gente tem feito. E eu acho que é um espaço, também, que a gente vai revendo muitas coisas -né? - da nossa prática. Revisitando algumas coisas. Alguns conceitos. Alguns princípios. Então... É... Gratidão por você nos convidar. E querer nos ouvir. A gente super agradece. E eu vou te conectar, então com a Júlia. - Né? - Que a Bel citou. E, aí, a gente pode ir trocando figurinhas. Se você precisar de algum material, pode mandar por e-mail. E a gente vai..."tsc".

F: Agradeço demais. Gente. Muito obrigado. Eu vou interromper a gravação agora. Mesmo. Porque parece que interrompeu. Interrompeu a gravação.

M2: Não. Tá gravando.

F: Aí, gente.

M2: Quando desliga será que salva? Dá maior medo, né? Não sei para onde vai também.

F: Porque eu aperto aqui: Legenda. Tela Cheia; Alterar Layout; Interromper a gravação. E continua gravando. Interromper a Gravação. Aqui. Achei.

-Fim da Transcrição – (1:42:08) -